

Vanderley Pereira

***COMO DOCTRINAR
OS ESPÍRITOS***

Edições *FEEC - GEPE*

1ª Ed.

Revisão: Antônio Alfredo de Sousa
Monteiro

Capa de Cristina Gasparetto

Impresso no Brasil
Presita en Brasilo

Edições *FEEC - GEPE*

Todo o produto desta obra é reservado à Federação Espírita do Estado do Ceará – FEEC e ao Grupo Espírita Paulo e Estevão.

Vanderley Pereira

Como Doutrinar os Espíritos

**Departamento Mediúnico
Grupo Espírita Paulo e Estevão**

Ed. e Distribuição
FEEC – GEPE
FEEC – Rua Princesa Isabel, 702
Centro - CEP: 60.015060
Fortaleza – Ceará
<mailto:feec@fortalnet.com.br>

GEPE – Rua: Pe. Antonino, 451
Piedade – CEP: 60.110480
Fortaleza – Ceará
<http://www.fortalnet.com.br/gepe>
gepe@fortalnet.com.br

**Catálogo – na fonte. BPGMP
(Fortaleza – CE)**

<p>Pereira, Vanderley Como Doutrinar os Espíritos. Fortaleza, Edições FEEC. - GEPE 1997 p. 178</p>
--

1. Espiritismo,
2. Prática doutrinária
3. Mediunidade
CDD – 133.9
- 133.91

APRESENTAÇÃO

Mais um serviço de boa qualidade o Grupo Espírita Paulo e Estevão acaba de elaborar em benefício do movimento e da doutrina espírita, principalmente no Ceará.

Depois de implantar e desenvolver o ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita) e de se especializar nele de tal maneira que passou a servir de modelo para outras instituições espíritas, inclusive algumas federativas, o GEPE fez a mesma coisa com referência ao TE - ou Estudo Sistematizado de "O Evangelho Segundo o Espiritismo", proporcionando esclarecimento, alívio e consolação a milhares de participantes, ou seja, ensinando de modo participativo as lições de Jesus à Luz do Espiritismo.

O ESDE e o TE são fases necessárias à preparação dos candidatos a médiuns ou doutrinadores.

Como resultado desses estudos e experiências na área mediúnica, organizou-se o presente livro contendo uma centena de perguntas e igual número de respostas, todas em linguagem correta, simples e clara, sem rodeios inúteis nem adornos desnecessários.

É um livro destinado àqueles que se dedicam às comunicações mediúnicas ou que desejam conhecer como se realizam tais comunicações sob a orientação da doutrina codificada por Allan Kardec.

A FEEC – Federação Espírita do Estado do Ceará, vivamente interessada em divulgar as obras espíritas, porque esta é uma das suas principais atribuições, como entidade federativa estadual, resolveu editá-lo com o objetivo de facilitar aos doutrinadores a delicada e complexa tarefa de atender aos comunicantes desencarnados, principalmente nas reuniões de desobsessão.

Quanto ao mais fica a avaliação a critério dos leitores.

*Benvindo da Costa Melo
Presidente da FEEC*

COMO OS MAUS ESPÍRITOS ENGANAM OS DOUTRINADORES

“Seja por entusiasmo, seja por fascínio dos Espíritos, ou seja por amor próprio, em geral o médium (esclarecedor ou outro tipo qualquer) é levado a crer que os Espíritos que se comunicam com ele são superiores; e isto tanto mais quanto mais os espíritos, vendo sua propensão, não deixam de ornar-se com títulos pomposos, conforme a necessidade e, segundo as circunstâncias, tomam nomes de anjos, fazem o seu papel como atores vestindo ridiculamente a roupagem das pessoas que representam.

Tirai-lhes a máscara e se tornam o que eram ridículos. É isto que se deve saber fazer, tanto com os espíritos, quanto com os homens”.

A DOUTRINAÇÃO*

A *Doutrinação*, segundo Herculano Pires, “é a técnica espírita de afastar os espíritos obsessores através do esclarecimento doutrinário”. E continua: “Foi criada e desenvolvida por Allan Kardec para substituir as práticas bárbaras do *Exorcismo* largamente usadas na Antigüidade. O conceito do doente mental como possessão demoníaca gerou a idéia de espancar o doente para retirar o *Demônio* do seu corpo”.

E prossegue Herculano Pires: “Nas *Religiões*, recorria-se a métodos de expulsão por meio de preces, objetos sagrados, como crucifixos, relíquias, rosários, terços, medalhas, água benta, ameaças, xingos, queima de incensos e outros ingredientes, pancadas e torturas. As pesquisas espíritas levaram Kardec a instituir e praticar intensivamente a *Doutrinação* como forma persuasiva de esclarecimento do obsessor e do obsedado através das *Sessões de Desobsessão*. Ambos necessitam de esclarecimento evangélico para superar os conflitos do passado.”

“Afastada a idéia terrorista do *Diabo*” — esclarece ainda Herculano Pires — “obsessor e obsedado são tratados com amor e compreensão como criaturas humanas e não como algoz satânico e vítima inocente. Apegados à matéria e à vida terrena, os obsessores necessitam sentir-se seguros no meio mediúnic, envolvidos nos fluidos e emanações ectoplásmicas da sessão, para poderem conversar de maneira proveitosa com os espíritos esclarecedores.”

Isso é o que Herculano Pires fala sobre a *Doutrinação*, que se dá, imprescindivelmente, com a participação dos espíritos protetores. “Orgulhoso e inútil, e até mesmo prejudicial, será o doutrinador que se julgar capaz de doutrinar por si mesmo” — fala, agora, Herculano Pires sobre o doutrinador, acrescentando: “Sua eficiência depende sempre de sua humildade, que lhe permite compreender a necessidade de ser auxiliado pelos espíritos bons. O doutrinador que não compreende esse princípio precisa de doutrinação e esclarecimento, para alijar de seu espírito a vaidade e a pretensão. Só pode realmente doutrinar espíritos quem tiver amor e humildade”. E destaca nas suas conclusões sobre o papel do doutrinador: “É o próprio doutrinador que se doutrina a si mesmo doutrinando os outros”.

*Texto resumido do livro **Obsessão, o Passe, a Doutrinação** PIRES, J Herculano.— São Paulo —SP, Editora Paidéia 5ª Ed. 1992.

HISTÓRIA DE UM DOUTRINADOR

Este trabalho não tem a pretensão de um estudo completo e profundo sobre o papel do doutrinador ou médium esclarecedor nas sessões de desobsessão para tratamento espiritual. É apenas o modesto resultado de um esforço do Departamento Mediúnico do **Grupo Espírita Paulo e Estêvão**, no sentido de melhor orientar as suas atividades, oferecendo aos dirigentes de grupos mediúnicos, aos

doutrinadores e aos médiuns de uma forma geral um roteiro mais pedagógico para o desempenho de suas tarefas. E numa tentativa de ilustração mais direta dos riscos, perigos, tentações, arrastamentos, enfim, vantagens e desvantagens que se apresentam ao candidato ao diálogo com as sombras, escolhemos o capítulo 12 do livro **Os Mensageiros**, no qual o Espírito André Luiz narra com grande lucidez a história de um doutrinador contada por ele mesmo do outro lado da vida. Sob o título **A Palavra de Monteiro**, vamos reproduzir, a seguir, os textos considerados mais elucidativos para o estudo a que se propõe este trabalho de pesquisa:

*** *** ***

A entidade que André Luiz identifica pelo nome de Monteiro começa sua narrativa chamando a atenção para as dificuldades com que se defronta o Espírito quando em luta na carne, pela influência do meio: "São tantas e tamanhas as exigências dos sentidos em relação com o mundo externo, que não escapei, igualmente, a doloroso desastre".

— Mas, como? — indaga André Luiz, sequioso de conhecimentos.

— É que a multiplicidade de fenômenos e as singularidades mediúnicas reservam surpresas de vulto a qualquer doutrinador que possua mais raciocínios na cabeça que sentimentos no coração. Em todos os tempos, o vício intelectual pode desviar qualquer trabalhador mais entusiasta que sincero. E foi o que aconteceu comigo.

Nessa conversa em grupo, em **Nosso Lar**, o ex-doutrinador na Terra repassa, com minúcias emocionantes, os quadros mais amargos de sua experiência, não obstante o entusiasmo com que assumiu a delicada tarefa, sob o incentivo de sua mãe. Tinha sob seu controle direto médiuns de efeito físico, de psicografia e incorporação, participando de quatro reuniões semanais às quais comparecia em regime de rigorosa assiduidade.

— Confesso que experimentava certa volúpia na doutrinação aos desencarnados de condição inferior. Para todos eles tinha longas exortações decoradas, na ponta da língua — depõe. E revela que estimava enfrentar obsessores cruéis para reduzi-los a zero, no campo da argumentação pesada, com a idéia criminosa de falsa superioridade. E compara: — Acendia luzes para os outros, preferindo, porém, os caminhos escuros e esquecendo a mim mesmo.

Por vezes, após longa doutrinação sobre a paciência, impondo pesadíssimas obrigações aos desencarnados, abria as janelas do grupo de nossas atividades doutrinárias, para descompor as crianças que brincavam inocentemente na rua.

Todo esse procedimento lembrado por Monteiro nas suas lides de doutrinador, segundo ele mesmo, era uma coisa mínima comparado ao que ele aprontava na sua vida lá fora, sobretudo no campo profissional. Raro o mês que não mandasse promissórias de clientes a protesto público. Não adiantavam lamentações, desculpas, pedidos de prazos. Passava os dias no escritório estudando a melhor maneira de perseguir os clientes em atraso, entre preocupações e observações nem sempre muito retas, e, à noite, lá estava esbanjando lições de amor aos semelhantes, a paciência e a doçura, exaltando o sofrimento e a luta como estradas benditas de preparação para Deus. "Fora das sessões práticas, minha atividade doutrinária consistia em vastíssimos comentários dos fenômenos observados, duelos palavrosos, narrações de acontecimentos insólitos, crítica rigorosa dos médiuns". E comenta, interrogativo:

— Como ensinar sem exemplo, dirigir sem amor?

De volta ao plano espiritual, nessas condições, entidades perigosas e revoltadas aguardaram-no. Viu-se rodeado de seres malévolos que lhe repetiam muitas daquelas frases das sessões. Ironizavam, cobrando-lhe serenidade, paciência e perdão às faltas alheias. E perguntavam-no por que não se desagarrava do mundo, estando já desencarnado? O certo é que depois de muito sofrimento, à medida que se foi desapegando mais do mundo físico, irmãos bondosos recolheram-no ao **Nosso Lar**. Mesmo assim permanecia descontente, alegando que havia fomentado as sessões de intercâmbio na Terra e que se consagrara ao esclarecimento dos desencarnados, até que a benfeitora que ouvia por mais de duas horas seu rosário de queixas, com paciência evangélica, resolveu fechar o diálogo com esta sábia e sincera nota de esclarecimento maternal:

— Monteiro, meu amigo, a causa da sua derrota não é complexa, nem difícil de explicar. Entregou-se você excessivamente ao Espiritismo prático, junto dos homens nossos irmãos, mas nunca se

interessou pela verdadeira prática do Espiritismo, junto de Jesus nosso Mestre. E conclui, finalmente, o ex-doutrinador rigorista: — Desde então, minha atitude mudou muitíssimo.

*** **

Índice Analítico

ITEMPergunta n°

DOCTRINADOR

acusações do obsessor,.....	20
analfabeto,.....	74
argumentação do	5, 14, 29
assistência sobre o	10
auto obsessão do	7
capacitação do	3
despreparo do	2
diante de grupos improdutivo,	46
diante do animismo,.....	68, 69
diante do médium rebelde,	38
diante dos impositivos espirituais,	54
falta do	56
gestante,.....	28
homossexual,	27
imunidade do	50
influências de espíritos inferiores sobre o ...	9
médium ostensivo,	73
o que é	1
posicionamento diante do obsessor do	6
postura física do	17
quem fala mais?	16
relacionamento com o grupo,	39
revelações do	15
tempo de preparação de um	11
toque nos médiuns,	45
vidente,.....	63

DOCTRINAÇÃO

acordos na	22
álcool e a	12
alimentação e a	13
como começar	4
de espíritos encarnados	32
destino da	35
discórdia e perturbações,	40
espíritos ameaçadores na	19
espíritos rebeldes – respeito na	18, 21
fora dos centros espíritos,.....	34
línguas estranhas na	74
mistificação,.....	64
passes durante a	48
quem fala mais?	16
rejeição da	14
visão dos espíritos	8

ESPÍRITOS

identificação dos	23, 33, 65
brincalhões,	57
conselheiros,	47

crianças,	86, 87, 88
debilíoides,.....	89, 90, 91
diabos	98
idéia fixa nos	92
índios,.....	83
medo da morte,	85
mudos,	25
padres, freiras	96
pretos velhos,	77, 81, 82
prisão dos	31
promessas a santos	94
protetores (falsos)	93
santos (falsos)	97
sexo dos	26
silêncio dos	24
sofrimento dos	30
suicidas,	49

MÉDIUNS

gestantes,	28
animismo nos	68, 69
comportamento dos	36, 37
compulsivos	72
falta dos	55
mudança de linguagem dos	78, 79
número de comunicações.....	62
previsões dos	84
rebeldes,	38
repetitivos,.....	70
timbre de voz dos	80
tiques e ruídos dos	76

GRUPOS MEDIÚNICOS

discórdias nos	40
improdutivos,	46
número de médiuns,	51, 60
preces nos	44
produtivos,	42
riscos nos	43
substituição de membros dos	41

REUNIÕES MEDIÚNICAS

abertura das	52
ambiente apropriado para as	100
animismo nas,	68, 69
comunicações simultâneas nas	61
desdobramentos nas	66
disciplina nas	58
encerramento dos trabalhos nas	59
guia das	53
improdutivas,	99
mistificação nas	64
mistificação x fraldes nas	67
receitas nas	95

MANUAL DO DOUTRINADOR

1. Que é doutrinador?

O médium doutrinador é o companheiro que presta ao Espírito sofredor os primeiros socorros nos serviços da enfermagem espiritual. É, por excelência, o médium da palavra do Evangelho. Nas preleções que efetua a desencarnados e encarnados tem a função de despertar consciências com o seu verbo iluminado. Em **ABC da Mediunidade**, psicografado por Carlos A. Bacelli, o Espírito Odilon Fernandes diz textualmente: "Talvez o médium doutrinador seja aquele que mais tenha necessidade de estudar e de aplicar a Doutrina na vida cotidiana". Hermínio Miranda, em seu **Diálogo com as Sombras**, aponta cinco qualidades ou aptidões que considera básicas para o doutrinador: 1) Formação doutrinária sólida, com apoio doutrinário nos livros da Doutrina; 2) Familiaridade com o Evangelho de Jesus; 3) Autoridade moral; 4) Fé; 5) Amor. E cita outras consideradas desejáveis, importantes também, mas não tão críticas: Paciência, Sensibilidade, Tato, Energia, Humildade, Destemor (não ter Medo e ter Firmeza) e Prudência.

2. O candidato à doutrinação deve se inibir a ponto de desistir da tarefa por se julgar incapaz em decorrência das imperfeições que detém e da falta de conhecimento?

Recorremos mais uma vez a Hermínio Miranda, para quem "ser doutrinador não é ser santo". É claro que deve se esforçar, como qualquer espírita consciente do seu dever, para reunir pelo menos um mínimo de condições, sobretudo boa vontade e bom senso, para assumir, no grupo mediúnico, uma função de liderança, o que impõe, naturalmente, um crescente senso de responsabilidade. Deve ter aptidões para o diálogo, mas também gostar de ouvir. Além disso, uma boa soma de conhecimento que pode adquirir com o estudo, como também habilidade para abordar criaturas-problemas, que vai aumentando ao longo da experiência. É claro que não pode ser uma pessoa leiga, mas não precisa também ser uma sumidade. Quanto às imperfeições, a tarefa surge certamente como meio para vencê-las pela renúncia e pela dedicação ao semelhante, pois, segundo ainda Hermínio Miranda, "não podemos esperar a perfeição para ajudar o irmão que sofre".

3. Como saber, então, se alguém está capacitado para ser doutrinador?

Se o candidato reúne as qualificações já mencionadas e se manifesta, de fato, interesse em assumir a tarefa, tem-se os primeiros indícios de que a Casa Espírita poderá contar, mais adiante, com mais um doutrinador. A verdade é que essa é uma das mais belas tarefas na reunião de desobsessão e que requer muita prudência, discernimento e diplomacia. Que requer, principalmente, como já foi dito, o ascendente moral do que fala sobre aquele que ouve, que está sendo atendido sempre em circunstâncias mais ou menos desfavoráveis, pelas dificuldades com que ele próprio resiste geralmente à assistência. E esse ascendente moral faz com que a abordagem do Espírito pelo doutrinador proporcione ao enfermo as primeiras sensações de serenidade, a idéia de confiança, de que está diante de alguém que lhe fala com autoridade e de quem emanam sinceridade, conhecimento e equilíbrio. Eis o perfil de alguém em condições de ser doutrinador.

4. Como começar o diálogo com o Espírito comunicante?

Começar dizendo-lhe que seja bem-vindo, que no ambiente onde ele se encontra ou aonde ele foi trazido só tem pessoas amigas, empenhadas em fazer o bem indistintamente e dispostas a ouvi-lo. Caso se disponha a falar, desse diálogo fraterno poderá surgir o entendimento capaz de nos conduzir à harmonia e de fazer brotar resultados do interesse de todos os que ali se encontram imbuídos do propósito sincero de ajudar, colaborar, enfim, contribuir para a paz e alegria de todos os filhos de Deus. Em seguida, aguardar em clima de real confiança e de vibrações positivas as reações do visitante, para então se situar em que linha de argumentação conduzirá a conversa daí em diante. Isso, é claro, quando tratar-se de entidades que se disponham ao diálogo, colocando as suas pretensões ou descrevendo suas

condições de sofrimento e dor, conforme o caso.

5. Como deve ser a argumentação do doutrinador?

Deve utilizar uma argumentação lógica, clara, concisa, com base na Doutrina Espírita e, sobretudo, permeada de amor. Não deve criticar, nem censurar, nem julgar, nem usar de franqueza excessiva. A medida justa para isto é colocar-se o doutrinador na posição do comunicante, vivendo o seu drama e imaginando como seria o seu sofrimento.

6. Qual, então, a imagem que o doutrinador deve ter do obsessor?

Ele deve levar em consideração que os Espíritos são seres humanos, com a única diferença que não possuem mais o corpo de carne como nós encarnados. Mas atravessaram o portal do túmulo com os mesmos vícios ou virtudes que cultivaram quando encarnados. Por isso, ao tratar com um obsessor desencarnado, deve o esclarecedor utilizar toda uma psicologia de quem está tratando com pessoas problemáticas que alimentam sentimentos conflitantes, fortes cargas de emoções desajustadas, tipo essa mesma clientela que enche os consultórios médicos e busca alternativas nas religiões, que lota os centros espíritas, a procura de alívio e cura para os seus males. Tem ainda, em idênticas situações, a enorme massa dos que se isolam e se fecham a qualquer possibilidade de mudança. Não existe uma regra mágica ou uma norma rígida para se tratar com esses Espíritos, além da linguagem amorosa, mas o bom senso está a indicar que para cada caso deve haver um tipo apropriado de diálogo capaz de produzir os resultados desejados. No livro **Libertação**, André Luiz nos fala de uma experiência com três ovóides, das quais, aumentando sua capacidade de percepção como o médico que ausculta o enfermo em coma, conseguia ouvir no íntimo delas gemidos e frases inteiras como estas: — **Vingança! Vingança! Não descansarei até o fim... Esta mulher infame me pagará!...** Ou então, gritos assim: — **Assassina! Assassina!** O doutrinador deve ser esse irmão bondoso e diligente que procura identificar os Espíritos enfermos nos ecos que partem do seu mais profundo íntimo.

7. Como agir o doutrinador quando surpreendido pela manifestação do seu próprio obsessor?

"Neste caso" — sugere Hermínio Miranda — "a tarefa assume implicações de natureza muito pessoal, para as quais o doutrinador tem que estar preparado". Consideramos sensata a sua orientação no sentido de que o doutrinador perseguido trate o seu obsessor com serenidade, equilíbrio e humildade. Deve procurar sensibilizá-lo de que, como encarnado, não tem a noção exata dos males que eventualmente tenha causado. Mesmo assim, espera que ele possa perdoá-lo, reconhecendo o esforço que agora empreende para se melhorar, a luta que trava contra suas imperfeições para não mais reincidir nos erros do passado. Embora limitado ainda por numerosos vícios, alimenta, porém, o sincero propósito de amar os que odiou e de trabalhar pelo progresso das vítimas da sua infeliz ignorância. Deve mostrar a importância do perdão e do arrependimento e, pelo exemplo, provar que é verdadeiro tudo o que diz ao seu comunicante. Tudo isso, com muita simplicidade e sem resvalar, sob qualquer hipótese, para a presunção ou exibição de virtudes que não possui. Por aí poderá conseguir sensibilizar o antigo desafeto, a favor do qual tem o dever de orar e fazer tudo para ajudá-lo a libertar-se da crisálida de ódio que ainda não conseguiu romper, considerando sempre a recomendação de Jesus no Evangelho de Mateus (5:44): "**Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam**".

8. Como os Espíritos encaram a doutrinação?

Alguns comunicantes pensam encontrar-se em um julgamento e se sentem ofendidos porque se consideram vítimas e não réus. Daí a importância de fazê-los compreender que não estão sendo julgados. Outros Espíritos a tomam por insulto, ou por sermão que não lhes interessa. Outros sequer registram a palavra do doutrinador por estarem com a mente obnubilada, incapaz de reagir positivamente a qualquer estímulo de despertamento. Estão como que hipnotizados pelas próprias

criações mentais em processos viciados de fixação, indiferentes a tudo quanto esteja fora desse campo magnético de influência fluídica em que respiram indefinidamente. André Luiz costuma compará-los a verdadeiros sonâmbulos.

9. O doutrinador é visado pelos Espíritos inferiores?

Não somente ele, como os demais integrantes da equipe mediúnica. Os desencarnados que estão sendo atendidos não raro lhe acompanham os passos para verificar o seu comportamento e se há veracidade em tudo o que fala e aconselha. Se encontram nele o exemplo, sentem-se encorajados à modificação. Não raro também lhe cobram os ensinamentos não praticados e se dão por contentes quando conseguem vê-lo em contradição, fazendo exatamente o contrário de tudo aquilo que a sua condição de doutrinador ou de médium exige. Por isso que Jesus admoestou os apóstolos que encontrou dormindo ao voltar da oração no Getsêmani, dizendo-lhes: "Vigiai e orai para não cairdes em tentação" (**Mt. 26:41**).

10. E onde fica a assistência dos bons Espíritos?

O doutrinador é sempre auxiliado pela ação dos bons Espíritos na doutrinação do obsessivo e do obsedado. "Um instrutor de elevada condição hierárquica substituiu Alexandre junto da médium, passando o meu orientador a inspirar diretamente o colaborador encarnado que dirigia a reunião", conta André Luiz sobre uma cena de doutrinação. E completa adiante, na descrição: "... fixei a minha atenção na palestra que se estabeleceu entre Marinho (desencarnado), incorporado em Otávia (médium), e o doutrinador humano, orientado intuitivamente por Alexandre (instrutor desencarnado).

11. Qual o tempo necessário para se preparar um doutrinador?

Creemos que, como o médium, o doutrinador ou médium esclarecedor não tem um tempo especificado para ser preparado para a sua delicada e nobre tarefa de orientar os Espíritos necessitados. O aprendizado, em Espiritismo, é permanente, e quanto mais conhecimentos e crescimento moral conquistar, o lidador, mais ele estará preparado para a tarefa que lhe compete no acervo de imenso trabalho da Casa Espírita. O que há — e isso acontece com as programações do **GEPE** — é mais ou menos um espaço de tempo em que ele será preparado para abraçar sua tarefa, participando dos cursos regulares e outros mais específicos, além de estágios, para se tornar trabalhador dessa ou daquela área de atendimento espiritual. É claro que em tudo isso deve-se levar em consideração o desembaraço, a dedicação e conduta moral do trabalhador para a tarefa que ele deseja abraçar. Agora, preparado mesmo o doutrinador somente estará depois de muitas reencarnações que lhe possam garantir, de fato, a condição de verdadeiro espírita.

12. O uso de bebida alcoólica tem influência sobre o doutrinador?

A orientação é a mesma que se dá aos médiuns e espíritas em geral. Mesmo os inocentes aperitivos devem ser evitados, tendo-se em mente que o médium (e aqui é o caso do médium esclarecedor ou doutrinador) é médium as vinte e quatro horas do dia, todos os dias, desconhecendo o momento em que o plano espiritual necessitará do seu concurso. Além do mais, quem bebe não tem condições morais para orientar Espíritos nem encarnados alcoólatras. E a autoridade do doutrinador sobre os obsessivos, como já foi dito, está no seu ascendente moral.

13. E quanto à alimentação, há recomendações específicas dos Espíritos?

Aí é uma questão mais de foro íntimo. O próprio Mestre de Nazaré nos informa pelo Evangelho que não é o que entra pela boca que macula o homem, mas o que sai da boca, porque o que sai da boca é de que está cheio o coração. Entretanto, o bom senso está a nos dizer que ninguém deve se empanturrar para qualquer atividade, principalmente aquelas de natureza espiritual. É aconselhável uma alimentação mais leve para os dias de doutrinação.

14. Como se comportar diante dos Espíritos que rejeitam a doutrinação?

Em tudo deve prevalecer o bom senso. O doutrinador deixa a entidade falar, dizer a que veio, o que deseja e vai tentando conversar com ela, perguntando sem agressão, chamando o desencarnado à meditação, à compreensão, porém consciente de que nem sempre será tarefa fácil ou imediata despertá-lo a atenção. Como há pessoas encarnadas que têm dificuldade de aceitar as coisas por múltiplas razões e que, por isso, precisam de meses ou mesmo anos para mudar suas opiniões ou abrir mão de determinados costumes e procedimentos, a mesma coisa acontece com muitos desencarnados que levaram para o além-túmulo esse caráter. Essa é uma tarefa que requer muita paciência, perseverança, além de tato e habilidade, para a condução ao bem de Espíritos quase sempre muito perversos, endurecidos, astuciosos e rebeldes até o último grau.

15. O doutrinador deve revelar a condição espiritual do comunicante?

Essa questão de esclarecer o Espírito no primeiro encontro é um ato de invigilância e pode até contribuir para agravar o estado de perturbação e desespero da entidade. Dizer-se a alguém que ele já morreu e esperar que esse alguém receba essa informação com serenidade não fala ao bom senso. Pense como um encarnado receberia a informação seca e dura do médico de que ele é portador de um câncer ou de qualquer outra doença grave e que está em fase terminal! Os Espíritos também são gente e necessitam igualmente de todas essas técnicas da psicologia humana para receber determinadas informações a seu respeito e a respeito daquilo que lhes interessa diretamente, que faz parte do seu mundo íntimo, da sua cultura. Algumas verdades devem ser reveladas em doses e com muita habilidade.

16. Quem deve falar mais, doutrinador ou comunicante?

Muitas vezes, na ânsia de ver as entidades esclarecidas e renovadas, o doutrinador se perde numa excessiva e cansativa cantilena, quase sempre improdutiva e exasperante até. É recomendável dispensar sempre os discursos durante a doutrinação, de modo a permitir que o comunicante possa expressar suas dificuldades, em razão das quais o doutrinador traçará a linha do diálogo de forma objetiva e esclarecedora. Para tudo existe um meio termo, nem tanto à terra, nem tanto ao mar – diz a filosofia popular.

17. O doutrinador deve doutrinar de olhos fechados?

Não. O doutrinador deve estar em permanente estado de vigilância, não só quanto aos seus próprios sentimentos e pensamentos, mas também quanto às suas suposições e intuições; quanto ao que contém nas entrelinhas do que diz o manifestante e sobretudo quanto ao que acontece à sua volta e com os demais componentes do grupo. Deve, portanto, estar olhando para dentro e para fora, para enxergar também a sua própria conduta não apenas durante o trabalho, mas no seu proceder diário. É sugestiva a resposta de Bartimeu, o **Cego de Jericó**, quando Jesus lhe pergunta: — **Que queres que eu te faça?** E ele responde: **Que eu veja** (Marcos, 10:51). Atento a tudo, para comandar com segurança a sessão de desobsessão, deve ser uma das principais preocupações do doutrinador.

18. Até que ponto os Espíritos rebeldes respeitam o doutrinador?

Pela firmeza de sua postura, a confiança na colaboração dos dirigentes espirituais e, como já dissemos noutras oportunidades, pelo seu ascendente moral real e não aparente. Dependendo da seriedade da reunião, os dirigentes invisíveis agem com toda presteza para coibir qualquer perturbação ou ameaça aos trabalhos. Conta-nos André Luiz que numa dessas reuniões de socorro espiritual, um dos necessitados que tomara o médium sob forte excitação quis agredir os componentes da mesa em tarefa de auxílio fraternal. "Antes, porém, que pusesse em prática o sinistro desígnio, vi que os técnicos de nosso plano trabalhavam ativos na composição de uma forma sem vida própria, que trouxeram imediatamente, encostando-a no provável agressor. Era um esqueleto de terrível aspecto, que ele contemplou de alto a baixo, pondo-se a tremer, humilhado, esquecendo o triste propósito de ferir

benfeitores".

19. E quando os Espíritos lançam ameaças e desafios ao doutrinador?

Não aceitar a intimidação, pois sofremos apenas o que estiver em nossos compromissos espirituais. Isso não significa que devemos reagir à provocação no mesmo tom. Não deve o doutrinador ridicularizar qualquer bravata do obsessivo, nem desafiar a ameaça, nem responder à ironia com morfa, nem se intimidar. A prudência é a postura indicada. A nós, muitas vezes, eles poderiam vencer em razão das nossas próprias limitações morais, mas a proteção da equipe espiritual, como já ficou provado por André Luiz, nos dá o amparo e ascendência momentânea, considerando-se o elevado objetivo da reunião.

20. Se o obsessivo passa a acusar o doutrinador, a apontar suas falhas?

Como Espírito imperfeito, a exemplo dos encarnados, ele procura explorar também as nossas imperfeições, os nossos defeitos. E na condição de desencarnado, ele nos observa com muito mais profundidade, podendo ter acesso inclusive às nossas falhas atuais e do nosso passado. Devemos manter a posição de humildade, se possível mostrando-lhe que estamos em luta contra as nossas imperfeições e que merecemos todos nós, por esse tipo de esforço, inclusive ele se também desejar melhorar-se, estímulo e respeito. Com paciência e sinceridade, ele terminará compreendendo. Jamais, porém, devemos exibir virtudes que não temos.

21. E quando o Espírito põe-se naquela gritaria, sem querer ouvir e mais para confundir o doutrinador?

A gritaria e a confusão não conduzem a nada, a não ser ao clima de perturbação da reunião. Muitas vezes, é mais uma manobra do obsessivo ardiloso para desestabilizar emocionalmente o doutrinador e o restante do grupo, na ânsia de impedir o êxito da desobsessão. Se não houver condições de diálogo, é preferível que o dirigente da sessão peça o concurso dos bons Espíritos para a retirada do irmão perturbador, até que ele possa voltar noutra oportunidade para uma nova tentativa de esclarecimento. Mas nunca devemos tentar vencê-lo na discussão.

22. Como agir quando o comunicante propõe acordo, pacto, barganha, etc.?

Simplesmente não aceitar. Mas faça isso sem deixar transparecer qualquer reação de censura ou indignação. Não tente ludibriá-lo com propostas, promessas, com objetivo de levar vantagem sobre o irmão astuto. Use sempre a sinceridade de propósitos, tentando persuadi-lo de que a única proposta que atende aos interesses reais de ambas as partes é aquela do Divino Mestre que nos aconselha o perdão aos inimigos e o amai-vos uns aos outros.

23. Como identificar se o Espírito está aceitando a doutrinação?

Quando ele passa a ouvir, saindo do campo da rejeição pura e simples para o tom de arrependimento que o leva muitas vezes às lágrimas, quando não a pranto convulsivo. Nesse momento, o comunicante rebelde começa a ser alcançado no seu coração. Há outros Espíritos que denotam essa tendência de aceitação do esclarecimento entregando-se a um silêncio reflexivo entremeado de algumas perguntas refletindo o desejo de auxílio para a renovação. A essa altura, cabe ao doutrinador investir com todas as vibrações de amor fraternal, reforçando suas palavras de estímulo ao irmão que começa a quebrar as algemas do jugo infeliz.

24. E se a entidade adotar o silêncio total, recusando-se a falar?

O doutrinador insiste amorosamente, utilizando algumas técnicas da própria psicologia social, como estímulo ao diálogo, ao mesmo tempo em que analisa pelas reações físicas do médium se não se trata de

alguma entidade que deixou o casulo físico na condição de mudo, transportando para a erraticidade os condicionamentos do equipamento da fala. Se não fala por decisão própria de não querer ouvir, para não ceder à possibilidade de mudança de sua atitude mental pelo diálogo esclarecedor, é aconselhável que o doutrinador a deixe à vontade, entregue ao socorro da equipe espiritual até que ela possa retornar com predisposições renovadas.

25. E como identificar se o Espírito é de um mudo?

O Espírito desencarnado difere do encarnado apenas pela falta do corpo físico, mas é o mesmo, com os mesmos sentimentos, as mesmas sensações, os mesmos defeitos e virtudes. O Espírito que sofreu a prova da mudez na Terra, se não é alguém esclarecido, vai continuar se expressando por gestos, trejeitos, sinais, ou seja, com os mesmos recursos de que se utilizou como encarnado. Muitas vezes é levado a essas reuniões mediúnicas para receber o esclarecimento necessário que o libertará desses condicionamentos temporários. E nessa reunião, nós o identificaremos por esses sinais, pelo esforço que emprega para se fazer entendido.

26. Como identificar o sexo do Espírito comunicante?

A identificação dos Espíritos não é uma coisa absolutamente necessária nas reuniões mediúnicas, porque a prática da caridade dispensa todas essas preocupações de ordem secundária. Mas, para facilitar a comunicação e o diálogo, o doutrinador basta ficar atento à linguagem do comunicante que logo o reconhecerá se se trata de homem ou mulher, de jovem ou criança ou de velho. O Espírito que toma o instrumento mediúnico queixando-se, por exemplo, de que está "cansada", só pode ser alguém do sexo feminino. Ao que se proclama "revoltado" só podemos atribuir ao sexo masculino. E assim, com um pouco mais de atenção, o dirigente vai recolhendo do próprio Espírito um conjunto de informações que permitam a sua identificação quanto ao sexo e a outros aspectos. A vivência do trabalho de doutrinação vai habilitando o doutrinador para tudo isso.

27. O homossexual pode ser médium e também doutrinador Espíritos?

Primeiro, é preciso saber que o Espiritismo não alimenta qualquer tipo de censura ou preconceito, porque é da sua essência a Caridade. E como diz Emmanuel em **Fonte Viva**: "Não troques a realidade pelas aparências. Respeitemos cada realização em seu tempo e cada pessoa no lugar que lhe é devido". Mas ao responder certa vez a primeira parte desta pergunta feita por um homossexual, através de carta, Carlos Imbassahy explicou que "Mediunidade nada tem a ver com o comportamento social das criaturas". Logo, qualquer pessoa pode ser médium, independente de todas essas situações. Agora, trabalhar em desobsessão como médium ou doutrinador, não é problema de ser homossexual, bissexual, heterossexual ou transexual. O que é preciso é reunir algumas condições morais que dêem ao médium como ao doutrinador a autoridade real, e não aparente, sobre os Espíritos obsessores com os quais vão tratar nas reuniões mediúnicas. Do contrário, eles não os respeitarão, como não respeitarão igualmente o polígamo, a adúltera, o machão, o sabichão e outro qualquer que não reúnam essas condições morais que tais tarefas requerem e que garantem o equilíbrio e o êxito dessas atividades num templo espírita que desempenhe verdadeiramente a sua missão. Esta é a resposta que temos dado aos que nos questionam o problema no **Grupo Espírita Paulo e Estêvão**, onde existe sem dúvida uma frequência altamente heterogênea de todos os grupos sociais. Agora, já desligamos dos trabalhos médiuns que se revelaram perturbados por problemas de homossexualidade, da mesma forma que outros foram afastados por outros tipos de obsessão. No **Manual para Orientação e Encaminhamento Espiritual**, editado pela Federação Espírita do Estado de São Paulo - FEESP -, o autor Moacyr Petrone recomenda para esses casos o Tratamento Espiritual: conscientização, reforma íntima, desobsessão, estudo da Doutrina, inclusive da Mediunidade, conforme o caso, e trabalhos em benefício do próximo.

28. Até quanto tempo uma gestante pode trabalhar como doutrinador ou médium de um grupo de desobsessão?

Vamos utilizar a orientação de Carlos Imbassahy, em **Quem Pergunta Quer Saber** — Problemas da Mediunidade —, acrescentando algumas informações resultantes de experiências no **Grupo Espírita Paulo e Estêvão**. Diz Imbassahy que, dependendo da gravidez e da natureza do trabalho mediúnico, ele recomenda que a gestante pare imediatamente. "Tratando-se, porém, de manifestações meramente psicográficas, até mesmo psicofônicas simples que não abalem a estrutura da médium nem influenciem em sua gravidez, ela poderá trabalhar enquanto sentir vontade, evitando sempre a influência de Espíritos perturbadores ou de atrasados que queiram ajuda". No **GEPE**, temos aconselhado a suspensão logo no início da gestação, principalmente quando se trata de médium de características fortes e que atue na área da desobsessão. Na doutrinação, temos tido algumas experiências diferentes. Temos médiuns que se sentiram muito bem nos trabalhos e que só se desligaram já pertinho do bebê nascer. É uma situação que depende muito das condições da gestante, do tipo de atividade que desenvolve e como desenvolve. Na parte da doutrinação, a coisa nos parece menos preocupante, mas de qualquer forma a nossa propensão é para o afastamento, consultando sempre a situação de fato e o grau de conhecimento da gestante sobre o assunto.

29. O que fazer o doutrinador quando a entidade parte para gritar impropérios?

Aconselhar o médium a controlar a comunicação, pois compete ao médium educado no Evangelho e moralizado conduzir civilizadamente o comunicante, na conformidade que indique o bom-senso. Contamos André Luiz como Celina, uma médium disciplinada, comporta-se diante de uma situação dessas. A entidade "tentava gritar impropérios, mas debalde. A médium era um instrumento passivo no exterior, entretanto, nas profundezas do ser, mostrava as qualidades morais positivas que lhe eram conquista inalienável, impedindo aquele irmão de qualquer manifestação menos digna".

30. Como orientar o Espírito que se queixa de dores, de trevas, que se confessa em desespero ou simplesmente ignora a sua situação?

Sob o título "Socorro Espiritual", André Luiz nos conta um caso de doutrinação que começa com o comunicante dizendo: — **Estou doente, desesperado!...** Ao que responde o orientador: — **Sim, todos somos enfermos, mas não nos cabe perder a confiança. Somos filhos de nosso Pai Celestial que é sempre pródigo em amor.** E a mesma entidade dá novo tom à conversa: — **É padre?** Responde habilmente o doutrinador: — **Não.** Sou seu irmão. Reage a entidade, agressiva: — **Mentira. Nem o conheço ...** Mas completa o dirigente sua frase anterior: — **Somos uma só família, à frente de Deus.** O diálogo continua, até que o enfermo rebelde começa a ceder ao tom amoroso e sincero da argumentação tranqüila do doutrinador, prorrompendo em lágrimas. A essa altura, comenta André Luiz: "Via-se, porém, com clareza, que não eram as palavras a força que o convenciam, mas sim o sentimento irradiante com que eram estruturadas". Vale observar ainda que o doutrinador evitou, apesar de provocado, revelar a sua cor religiosa para não criar constrangimentos ao comunicante.

31. E quando ele se diz preso e algemado, tolhido em suas forças, o que está acontecendo mesmo no plano espiritual, onde ele se encontra?

É claro que ele está sob o controle das entidades espirituais dirigentes e do próprio ambiente fluído adredemente preparado para esse fim. Mas é mais uma vez André Luiz que nos socorre neste campo do esclarecimento, ao informar que esse aprisionamento de que o comunicante se queixa decorre freqüentemente da contenção cautelosa do médium. Porta-se, nesses casos, o enfermo como um doente controlado, qual se faz imprescindível, queixando-se, por isso, das cadeias que o prendem.

32. Pode-se doutrinar o Espírito encarnado que compareça a uma sessão de desobsessão?

Pelas informações constantes do capítulo referente a evocações de pessoas vivas, em **O Livro dos Médiuns**, pode-se concluir ser possível falar a esse Espírito. São muitos os casos em que Espíritos encarnados foram evocados, durante o sono. E pululam outros em que Espíritos encarnados

comparecem espontaneamente não apenas a reuniões mediúnicas, mas a muitos outros tipos de eventos dos dois planos. A Literatura Espírita é muito rica em narrativas sobre essas reuniões entre encarnados e desencarnados. E esse intercâmbio permanente é um dos fundamentos básicos do Espiritismo. Além disso, somos todos nós encarnados alvos de longas e insistentes doutrinações, durante o sono, pelos Espíritos que se interessam por nós, Como os encarnados não gozam do mesmo grau de liberdade dos desencarnados, por estarem sob à influência pesada da matéria, de volta ao corpo recordarão de uma doutrinação numa sessão de desobsessão a que eventualmente tenham comparecido nas condições mais ou menos como se recordam dos sonhos. Mas há casos de doutrinações assim, como um narrado pelo Dr. Bezerra de Menezes no seu livro **A Loucura sob Novo Prisma**. Foi o de um Espírito encarnado que, ouvido numa dessas reuniões de desobsessão naquela época, recusou-se a perdoar um outro Espírito desencarnado num caso de obsessão de encarnado sobre desencarnado.

33. Como o doutrinador pode saber se certo Espírito que incorporou no médium numa sessão é de um encarnado e não de um desencarnado?

É preciso, primeiro, muita experiência e também muita atenção do doutrinador para os detalhes da conversa do comunicante, a fim de situá-lo na sua verdadeira condição espiritual. Ora, um comunicante que só fala de personagens e de situações presentes, de locais onde vive, descrevendo cenários, hábitos, vícios e projetando fatos como se falasse de alguém que leva uma vida comum numa comunidade como um encarnado, dá para começar a desconfiar, ficar de orelha em pé. Pelo menos, nos primeiros momentos, ele pode estabelecer confusão em quem o ouve atentamente e deseja obter a sua identificação. Em sua respeitável obra *No Invisível* (2a. Parte, Cap. XII), Léon Denis conta que durante três anos consecutivos pôde o Espírito de um vivo manifestar-se, via incorporação, no grupo por ele dirigido em Tours. Durante esse tempo, não se conseguiu distingui-lo dos Espíritos desencarnados que intervinham habitualmente nas sessões. "Os pormenores mais positivos nos eram, entretanto, por ele fornecidos acerca de sua identidade". Contava detalhes de sua vida, inclusive da preguiça e da bebedeira com que se deleitava. "Tudo nele — propósitos, recordações, pesares — nos dava a firme convicção de estarmos tratando com um desencarnado". Eis que um membro do grupo tomou a si a iniciativa de pesquisar o fato e o descobriu vivendo ainda do mesmo jeito que contava nas incorporações, na região por ele mesmo indicada. "Todas as noites se deitava às primeiras horas e, desdobrado, chegava até o grupo reunido incorporando-se em um médium a quem o prendiam laços de afinidade, cuja causa se nos conservou sempre ignorada". **O Livro dos Médiuns** tem um capítulo inteiro tratando da evocação de Espíritos encarnados.

34. O doutrinador deve participar como esclarecedor de manifestações fora do Centro Espírita?

Excluindo-se, é claro, as situações de emergência que poderão levar eventualmente um doutrinador a ter que dialogar com um Espírito que se apossou de um médium enfermo ou invigilante, em local impróprio e horário inoportuno, o esclarecedor deve se resguardar de quaisquer envolvimento com manifestações dessa ordem fora do ambiente próprio da Casa Espírita. As mesmas orientações que os Espíritos responsáveis dão aos médiuns valem para o esclarecedor, que detém sem dúvida maior fatia de responsabilidade nesses serviços de socorro espiritual, porque é ele quem dá o tom na orientação e condução dos trabalhos. Não deve, portanto, envolver-se com qualquer atividade de coordenação mediúnica que não tenha o respaldo de uma instituição responsável, a menos que se veja diante de uma emergência como já foi dito.

35. A doutrinação se destina exclusivamente aos obsessores e obsidiados?

Alexandre, um dos mentores citados por André Luiz, ensina numa belíssima página sobre doutrinação, referindo-se à participação dos colaboradores terrenos nos programas de assistência espiritual: "...valem-nos do concurso de médiuns e doutrinadores humanos, não só para facilitar a solução desejada, senão também para proporcionar ensinamentos vivos aos companheiros envolvidos na carne, despertando-lhes o coração para a espiritualidade". E arremata com muita propriedade:

"Ajudando as entidades em desequilíbrio, ajudarão a si mesmos; doutrinando, acabarão igualmente doutrinados".

36. Como agir quando o médium passa mal e não colabora para o desligamento da entidade comunicante?

O doutrinador deve manter toda a tranquilidade e confiar plenamente na direção espiritual dos trabalhos. E o médium deve estar devidamente orientado que não deve ceder ao descontrole da entidade comunicante, dominando qualquer sugestão principalmente de medo, de modo a não criar resistência que provocam "ingurgitamentos" energéticos e mal-estar. A dificuldade surge também quando o médium não trabalha, pela sua elevação moral, as defesas energéticas próprias, absorvendo a pesada carga fluídica do obsessor. Quando o médium está preparado, acontece como neste caso narrado por André Luiz: "O sofredor projetava de si estiletos de treva, que se fundiam na luz com que Celina-alma o rodeava, dedicada". Todavia, não deverá também o médium entregar-se totalmente ao envolvimento, a ponto de permitir a exacerbação nervosa, debruçar-se sobre a mesa ou assumir comportamentos equivalentes de deseducação mediúnica.

37. E quando o médium sente a entidade, mas não completa o transe, ou seja, bloqueia a comunicação, como agir o doutrinador?

Cabe ao doutrinador orientar o sensitivo para não resistir à onda mental que o alcança, ainda que acompanhada de fortes emoções e sensações desconfortantes. Ela procede dos Espíritos e deverá ser canalizada sem bloqueios, porém com atenção, equilíbrio e disciplina. Com a prática e a dedicação, o sensitivo vai percebendo com facilidade o momento em que se processa a adesão do comunicante ao seu campo psíquico, isto é, o instante em que se dá a ligação efetiva com o comunicante, consolidando a sintonia. Vejamos como André Luiz resume esse intrincado mecanismo, ao descrever uma cena de incorporação: "Qual se fora atraído por vigoroso ímã, o sofredor arrojou-se sobre a organização física da médium, colando-se a ela instintivamente". É claro que André Luiz fala aqui de um médium já experiente e devidamente habilitado. Agora, "quando a educação mediúnica é deficiente ou viciosa, o intercâmbio é dificultado, faltando liberdade e segurança; o médium reage à exteriorização perispírica, dificulta o desligamento e quase sempre intervém na comunicação, truncando-a". Isto é o que nos informa a coleção Mediunidade — Estudos e Cursos, do Centro Espírita Allan Kardec de Campinas - SP.

38. Como o dirigente do grupo deve encarar o médium rebelde, que não aceita críticas e discorda sempre das orientações da direção?

A Casa Espírita não é local para rebeldia, uma vez que nós ingressamos nela com o objetivo firme de lutar contra as nossas imperfeições, assimilando e vivenciando as diretrizes do Evangelho renovador. Os Espíritos não nos substituem no esforço que nos cabe de trabalharmos a nossa própria transformação, vencendo vícios antigos e conquistando virtudes, inclusive a humildade. Eles nos ajudam, nos inspiram, nos falam pelos escaninhos da consciência, mas deixam que caminhemos ao encontro da própria dor quando nos revelamos rebeldes ou recusamos as suas orientações. Nem doutrinador, nem médium, nem trabalhador nenhum da Casa Espírita devem se rebelar contra os estatutos que disciplinam suas atividades. Em qualquer um dos casos é aconselhável que o trabalhador se afaste temporariamente das tarefas e se submeta inclusive a **Tratamento Espiritual**, pois é provável que esteja sob o assédio de inteligências invisíveis empenhadas em desestruturar o grupo e prejudicar o trabalho de socorro espiritual. No livro **Ação e Reação**, um instrutor esclarece a André Luiz sob um grupo de Espíritos não admitidos em um templo espiritual: "Nossa instituição permanece de braços abertos à provação e ao sofrimento, mas não à rebeldia e ao desespero".

39. Como deve ser o relacionamento do doutrinador com o grupo?

No caso do **Grupo Espírita Paulo e Estêvão**, o dirigente da equipe de desobsessão é também o

doutrinador ou médium esclarecedor, que conta geralmente com um auxiliar nos trabalhos de direção do grupo. O dirigente precisa ser, pois, alguém em quem o grupo confie. Uma pessoa que represente para os encarnados a diretiz espiritual. Aquela que, na realidade, sustenta e orienta tudo o que ocorre. Ele é o representante da direção existente na espiritualidade, o polo catalisador da confiança e da boa vontade de todos. No instante do esclarecimento, quando a entidade se comunica, ele, o médium e toda a equipe, vivem um clima de expectativa, aguardando alguma coisa de alguma forma imprevisível. Nessa hora, o doutrinador será o polo catalisador de todas as emoções, nele se depositam todas as expectativas e confiança na condução e êxito dos trabalhos. A sua autoridade ou insegurança se refletirá no grupo. "Para manter-se na altura moral necessária, o dirigente dispensará a todos os componentes do conjunto a atenção e o carinho idênticos àquele que um professor reto e nobre cultivava perante os alunos", recomenda-nos André Luiz em *Desobsessão*.

40. Que se deve fazer para evitar a discórdia e a perturbação no grupo?

Uma das táticas dos Espíritos inferiores para alcançar os seus fins é a desunião, pois sabem muito bem que podem facilmente dominar aquele que estiver sem apoio. Assim, são seus primeiros cuidados, quando querem apoderar-se de alguém, inspirar-lhe a desconfiança e o isolamento, a fim de que ninguém possa desmascará-los. Estas são informações contidas na **Revista Espírita**, julho-1859, página 197. Ao perceber essas ameaças, deve o orientador bem intencionado alertar o grupo, tomar precauções ou corrigir rumos, evitando o endeusamento de médiuns e melindres de outros, como também avaliar a sua própria postura para ver se não está colaborando, ainda que involuntariamente, para um clima de instabilidade da equipe. O Livro dos Médiuns, na questão 331, nos dá a seguinte orientação: "Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante dos seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe tanto mais força terá, quanto mais homogêneo for".

41. Como examinar o problema das substituições ou mudanças dos componentes da equipe mediúnica?

Voltamos a Hermínio C. Miranda, em **Diálogo com as Sombras**, que fala de suas próprias experiências: "A admissão de um novo componente pode alterar profundamente a estrutura e os métodos de trabalho da equipe, tanto num sentido como noutro, ou seja, tanto para o lado positivo, como para o negativo. O novo companheiro pode trazer um bom acervo de conhecimento e experiência e dar impulso às tarefas, revitalizando o grupo, trazendo uma contribuição construtiva, dinamizadora e eficiente. Se, porém, está mal preparado, infestado de frustrações, ou se deseja brilhar, poderá com sua influência aniquilar o grupo". Ele recomenda, portanto, serenidade na decisão que, a seu ver, somente deve ser acolhida se o novo componente não se revelar motivo de prejuízo para a equipe e aceitar o sistema de trabalho existente. O bom senso é o norte seguro de todas essas providências, uma vez que os Espíritos não interferem nas deliberações de alçada dos trabalhadores encarnados. Agora, não é aconselhável que essas alterações virem rotina a ponto de descaracterizar o grupo com a sua conseqüente desarmonização, apesar de ser importante e necessária a renovação, mas na forma de organização e disciplina desejáveis nessa delicada área de desobsessão. Nos **Domínios da Mediunidade**, André Luiz quer saber de um dirigente espiritual se no grupo mediúnico sob a sua assistência os médiuns são invariavelmente os mesmos, ele responde: "Sim, contudo, em casos de impedimento justo, podem ser substituídos, embora nessas circunstâncias se verifiquem, inevitavelmente, pequenos prejuízos resultantes de natural desajuste".

42. O que o doutrinador deve considerar um grupo produtivo nas tarefas de desobsessão?

É o grupo que se apresenta bem harmonizado e que por isso mantém um bom desempenho, contribuindo para a eficácia das tarefas socorristas da Casa Espírita. Para que isso aconteça, é preciso evitar o personalismo e a curiosidade pura e simples. E como nos orienta **O Livro dos Médiuns**, é preciso que todos se confundam num só, com os pensamentos vibrando em uníssono em torno de um mesmo objetivo. "Se os pensamentos divergem, disso resulta um choque de idéias

desagradáveis para o Espírito e, por consequência, nocivo à manifestação". E é essa mesma obra de Alan Kardec, a bíblia dos médiuns, que nos dá esta belíssima comparação: "Se um homem que deva falar numa assembléia sente que todos os pensamentos lhe são simpáticos e benevolentes, a impressão que recebe reage sobre as suas próprias idéias e lhe dá mais inspiração. A unanimidade desse concurso exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que decuplica seus meios; ao passo que a indiferença ou a hostilidade o perturba e o paralisa".

43. Como o doutrinador detecta se uma reunião de desobsessão corre riscos e como evitá-los?

Quando os médiuns, despreparados, começam a chegar desarmonizados, trazendo para o ambiente da reunião vibrações danosas, negativas, desequilibrantes, como nos informa a coleção **Curso de Estudos Sobre Reuniões Mediúnicas**, do Centro Espírita Allan Kardec, de Campinas/SP. O pensamento vicioso dos componentes da equipe pode contaminar o recinto adrede preparado pelos protetores espirituais. Não só o dirigente, mas todos os componentes do grupo devem saber, através do estudo das obras básicas e complementares, que, sendo fluídica, a sala mediúnica pode sofrer alterações causadas pelo pensamento dos Espíritos (encarnados ou não) a ela vinculados. Até certo ponto, os problemas, falhas e dificuldades podem ter seus efeitos controlados pelos tarefeiros do plano espiritual. Mas em condições mais graves de desequilíbrio e despreparo, poderá ocorrer um "colapso" nos circuitos vibratórios que defendem a reunião, abrindo brechas para o ingresso indisciplinado de Espíritos perturbadores, com o conseqüente prejuízo para a sessão e seus participantes. Daí a necessidade de atenção, vigilância, experiência e conhecimento do dirigente-doutrinador quanto a todos esses fatores de riscos capazes de comprometer todo um trabalho de socorro espiritual. Isso prova a necessidade dos participantes do grupo manterem todas as suas expectativas voltadas para o trabalho mediúnico do dia, desde o instante em que despertar, redobrando a vigilância, procurando a sintonia com o plano espiritual, através de um estado de prece, de pensamentos e atos equilibrados, abstendo-se de fumo, álcool e qualquer outro vício. Essa preparação prévia ajudará muito na concentração e segurança dos trabalhos.

44. Além das preces de abertura e encerramento, é conveniente o doutrinador fazer outras preces, no curso da reunião de desobsessão?

O doutrinador pode recorrer à prece a qualquer hora da reunião, mas apenas quando necessário, para que o ambiente da desobsessão não se transforme naquelas cansativas ladainhas de rogativas e recomendações repetitivas, que mais viciam e condicionam do que ajudam. O ambiente da reunião mediúnica deve ser de profundo silêncio, e as preces, quando necessárias (para serem proveitosas) devem ser feitas em voz alta ou silenciosamente para contornar eventuais dificuldades no atendimento de algum Espírito em situação de grande sofrimento e revolta. A força da corrente de pensamentos do grupo em prece pode funcionar como sedativo para certas entidades, bem como motivar a equipe para um envolvimento cada vez mais intenso com os trabalhos de socorro espiritual no ambiente. O doutrinador pode ainda, desde que isso não se revele uma coisa ociosa, pedir ao Espírito em desespero para que ore juntamente com ele e todo o grupo para sentir-se mais aliviado. Agora, as orações mecanizadas, feitas aleatoriamente, são ociosas, não surtem o menor efeito, quando não raro até ajudam na irritação e agravamento do estado de perturbação do comunicante, como podem, também, interferir negativamente na concentração da equipe.

45. O doutrinador precisa tocar nos médiuns, forçar a comunicação ou repreendê-los?

A orientação dos Espíritos é no sentido de que o dirigente somente toque no médium em transe quando necessário. Pelo menos, esta é a orientação de André Luiz, que recomenda ainda muito tato psicológico entre as providências necessárias para manter o equilíbrio da reunião. O termo repreensão não é adequado para uma reunião de caráter fraternal, mas cabe ao doutrinador ou dirigente, se julgar conveniente, abordar qualquer um dos componentes, desde que se trate do real interesse dos trabalhos. Além disso, em **O Livro dos Médiuns**, a orientação explícita é de que, em reuniões sérias, deve partir

do médium a iniciativa de solicitar um exame crítico de suas comunicações para escapar aos perigos da fascinação. Quanto a forçar o médium a produzir na reunião, isso é despreparo para a delicada tarefa de orientador mediúnico. Tudo, na atividade mediúnica, deve se processar sem a indução, como forma de evitar a mistificação e a fraude. Pode e deve, entretanto, o esclarecedor, quando o médium revelar dificuldades no intercâmbio por problemas que não lhe sejam comuns, procurar orientá-lo sem prejuízo dos trabalhos. Isso é tarefa do doutrinador no seu relacionamento com o grupo.

46. O que fazer o doutrinador quando o grupo não está rendendo, apresenta um resultado escasso?

Cabe ao dirigente da reunião estimular o grupo, destacando a responsabilidade dos seus componentes e a importância das suas tarefas de assistência aos necessitados. É seu dever motivar. Se estiver ocorrendo problemas, dificuldades de integração, conflitos, falta de adaptação de parte de um ou de alguns membros em relação ao grupo, cabe ao dirigente orientar amorosamente, mas com a sinceridade indispensável, para que todos possam se dar conta dos seus deveres, quer como médiuns ostensivos, quer como apoiadores que ajudam a sustentar o equilíbrio vibratório pela prece íntima e pela emissão dos bons pensamentos. Se houver algum caso de inadaptação, providenciar o remanejamento para outro grupo com o qual o médium se afinize mais, ou orientar sobre a necessidade de tratamento, se for o caso.

47. Como o doutrinador deve agir em relação aos Espíritos que interferem na reunião para dar conselhos que nada têm a ver com o objetivo programado?

Nas reuniões de desobsessão, os Espíritos que deverão se manifestar são aqueles que devam, pela lógica, estar de alguma forma vinculados ao paciente encarnado que está sendo alvo do tratamento. Pelo menos, no **Grupo Espírita Paulo e Estêvão**, todas as reuniões de desobsessão são programadas para dias específicos da semana, mediante entrevistas prévias com os pacientes, que aguardam, em tratamento de passe e em clima de preparação, o dia da desobsessão. Para melhor condução do tratamento, a programação do Departamento Mediúnico já consegue reunir os pacientes numa sala de estudo do Evangelho, no mesmo horário em que as reuniões se processam nas suas respectivas salas, a portas fechadas, exceção, é claro, dos tratamentos à distância. Por isso, são desaconselháveis as orientações que não surjam no início ou ao término da sessão, e só deverão, segundo o bom senso, se relacionar com o tratamento. Além disso, não se deve descurar da orientação segundo a qual os bons Espíritos jamais aconselham coisas senão perfeitamente razoáveis. Toda recomendação que se afaste da linha reta do bom senso ou das leis imutáveis da natureza denota um Espírito pouco digno de confiança" (**Revista Espírita**, setembro-1859, pg. 257 Allan Kardec).

48. O doutrinador deve fazer a aplicação de passes ou orientar que o seu auxiliar ou qualquer outro membro do grupo o faça, durante a reunião mediúnica?

Que os médiuns saiam da sua posição de concentração, de recolhimento, para aplicar passes nos outros companheiros, isso não tem sentido. Agora, que o dirigente faça a aplicação ou determine que o seu auxiliar o faça, desde que não transforme essa prática em rotina, não conhecemos qualquer orientação contrária, sobretudo se as circunstâncias indicarem essa necessidade, como recurso destinado a desanuviar a situação de algum dos componentes envolvido por inesperado mal-estar. Se for algo mais grave que denote inclusive problema físico repentino, o médium deve ser retirado imediatamente do grupo e encaminhado ao atendimento adequado, inclusive médico-hospitalar, se persistir o mal-estar. Sendo problema de obsessão, Ivonne Pereira, em **Recordações da Mediunidade**, aconselha a suspensão temporária de qualquer labor mediúnico, para tratamento espiritual específico.

49. Como o doutrinador deve encaminhar o esclarecimento aos Espíritos suicidas?

O sofrimento desses irmãos é tão intenso, eles se apresentam geralmente tão enlouquecidos pelo

infortúnio, tão dementados, que o orientador não tem como lhes oferecer algum esclarecimento num primeiro contato. Diz Suely Caldas Schubert que esses irmãos "não necessitam tanto de doutrinação quanto de consolo. Cabe ao doutrinador socorrê-los, aliviando-lhes os sofrimentos através do passe". Vejam um dos momentos da reunião de desobsessão em que a aplicação do passe é recomendada, mas deve ser feita pelo próprio dirigente ou seu auxiliar. O esclarecimento poderá ser ministrado em reuniões sucessivas, à medida também em que esses Espíritos vão sendo orientados pelos benfeitores no plano espiritual onde se encontram. Todo o grupo deve vibrar com muito amor por esses irmãos, direcionando-lhes os pensamentos de bondade e de otimismo, para os ajudar na reabilitação.

50. E os que doutrinam, demonstrando conhecimento de causa, podem se considerar imunes a essas tramas obsessivas que têm levado ao suicídio, para espanto nosso, pessoas tidas como esclarecidas ou de fé inabalável?

Geralmente, ensinamos para apreender. Naquele que ensina sob à presunção de que nada tem a aprender, há mais orgulho do que conhecimento. E é, exatamente, por essas brechas do orgulho, da vaidade, da presunção, da incúria que alcançam sutilmente o nosso íntimo antigos adversários que julgávamos sepultados nos séculos ou milênios. Além disso, para se atribuir a um crente a condição de portador de fé inabalável, é aconselhável que se consulte antes o item 7, do Capítulo XIX de O Evangelho Segundo o Espiritismo, que diz: "Fé inabalável é aquela que pode enfrentar a razão face a face e em todas as épocas da humanidade". Uma mensagem contida no livro Instruções Psicofônicas, psicografado por Chico Xavier, fala-nos de um irmão das lides espíritas de Belo Horizonte que, em 1949, "como que minado por invencível esgotamento, suicidou-se sem razões plausíveis, trazendo com isso dolorosa surpresa a todos os seus amigos". Nessa sua mensagem, ele lembra sua condição de ex-médium, ex-doutrinador, que consolou e foi consolado. Mas a dúvida alcançou-o como um nevoeiro, levando-o a enredar-se nas malhas de velhos inimigos a lhe acenarem do pretérito. E esses adversários sutilmente me impuseram à lembrança o passado que se desenvolveu dentro de mim, fustigando-me os germes de boa vontade e fé, assim como a ventania forte castiga a erva tenra". Resultado: a idéia da autodestruição assomou-lhe a cabeça e, apesar da relutância, em dado instante a sua fraqueza transformou-se em derrota. A esta altura da mensagem, ele transfere ao leitor a idéia de uma avaliação sobre o seu ato. "Dizer o que foi o suicídio para um aprendiz da fé que abraçamos, ou relacionar o tormento de um Espírito consciente da própria responsabilidade é tarefa que escapa aos meus recursos". É um depoimento duro, mas que deve ser conhecido por todo médium, doutrinador e espíritas em geral.

51. Com quantos componentes e como deve funcionar uma equipe para trabalhos de desobsessão numa Casa Espírita?

O padrão de instituição espírita que escolhemos para roteiro deste nosso trabalho foi o **Grupo Espírita Paulo e Estêvão**, que tem no Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita — ESDE — a sua escola de formação de trabalhadores espíritas, inclusive para o Departamento Mediúnico. Todo médium no **GEPE** tem que freqüentar também o ESDE, além dos cursos regulares de Desenvolvimento Mediúnico e de Educação Mediúnica. Para melhor atender às peculiaridades do **GEPE**, no campo específico do Tratamento Espiritual, as nossas equipes de desobsessão são em grande número, mas relativamente pequenas, atendendo também ao que nos recomenda **O Livro dos Médiuns**, ao final da questão 334, 2a. Parte, Capítulo XXIX: "...as reuniões espíritas devem visar em se multiplicarem em pequenos grupos antes que procurar se constituírem em grandes aglomerações". O grupo de desobsessão considerado ideal no **GEPE** é composto de dez membros: um dirigente esclarecedor, um adjunto, quatro médiuns ostensivos e mais quatro de apoio. A duração da reunião é de 1h40min. Antes, durante 20 minutos, há uma reunião geral com todos os grupos para avisos, informações e um rápido estudo do Evangelho. Em seguida, os grupos se distribuem para suas respectivas salas, onde se iniciam, então, os trabalhos de desobsessão propriamente ditos. São, no total, duas horas de reunião e, ao final, mais uma geral de avaliação com os dirigentes dos grupos. Os pacientes em tratamento de desobsessão, em função dos quais se reúnem os grupos, comparecem à Casa Espírita, onde participam juntos num grupão do estudo do Evangelho, enquanto se realizam as reuniões que lhes são destinadas. Findas as sessões de desobsessão, termina também a reunião de estudo do Evangelho com os pacientes. Eles são liberados e

somente tomarão conhecimento dos resultados das sessões de desobsessão depois de avaliados pelos dirigentes dos grupos e pela coordenação geral do Departamento Mediúnico. Eles serão orientados a respeito em entrevistas específicas feitas por entrevistadores da Desobsessão.

52. Como o doutrinador deve abrir a reunião de desobsessão?

Não há uma norma rígida e genérica para a abertura desses trabalhos, registrando-se pequenas diferenças de grupos para grupos. No **Grupo Espírita Paulo e Estêvão**, onde os trabalhos de desobsessão são realizados a cargo de numerosos grupos, atendendo a uma programação previamente organizada, o dirigente, ao reunir a equipe para o início dos trabalhos, expõe rapidamente os objetivos da reunião, cita nome e endereço constantes de uma ficha pessoal do paciente que será alvo do tratamento e abre o encontro com uma prece curta pedindo a proteção espiritual para o êxito daquele cometimento. Se o dirigente não quiser proferir a prece, transfere a incumbência para o dirigente-adjunto. Poderá haver ou não manifestação inicial de algum orientador espiritual dos trabalhos, o que geralmente não temos, uma vez que são vários grupos reunidos a um só tempo, em dias e horários predeterminados, para pacientes também entrevistados e selecionados para os trabalhos de desobsessão. Feita a prece inicial, segue-se o silêncio para a passividade dos médiuns.

53. Que guia o doutrinador deve adotar para a prece do início ou do fim da sessão de desobsessão?

O Evangelho Segundo o Espiritismo, no seu capítulo XXVIII, item 7, oferece um bom roteiro de preces para a abertura e término das sessões mediúnicas: "Ao Senhor Deus onipotente suplicamos que enviem, para nos assistirem, Espíritos bons; que afaste os que nos possam induzir a erros, e nos conceda a luz necessária para distinguirmos da impostura a verdade. (...) Dai aos médiuns (...) consciência do mandato que lhes é conferido e da gravidade do ato que vão praticar, a fim de que o façam com fervor e recolhimento precisos. Se em nossa reunião estiverem pessoas que tenham vindo impelidas por sentimentos outros que não os do bem, abri-lhes os olhos à luz e perdoai-lhes, como nós lhes perdoamos, se trouxerem malévolas intenções. Pedimos especialmente ao Espírito (nominar ou não, como achar mais conveniente), nosso Guia Espiritual que nos assista e por nós vele". Estamos apenas oferecendo um modelo, mas a prece não precisa ser lida nem decorada. É melhor que saia mesmo do improvisado, da espontaneidade do coração confiante e fervoroso. A Prece de Ismália", por exemplo, no capítulo 24 de **Os Mensageiros**, é uma das peças mais lindas na Literatura Espírita.

54. Como o doutrinador atender aos impositivos da direção espiritual da reunião, se ele não é portador de nenhum recurso mediúnico?

E quem pode afirmar isso, que o dirigente de uma reunião mediúnica não disponha dos canais de comunicação direta com os dirigentes espirituais, mesmo acreditando-se totalmente nulo em matéria de mediunidade? A vivência espírita nos mostra que essas pessoas que têm sobre os ombros tão delicadas tarefas são geralmente mais médiuns do que muitas outras que exibem qualidades mediúnicas ostensivas. O que pesa nesses compromissos são o conhecimento e as qualidades morais do doutrinador, os sentimentos de amor e a disciplina no desempenho dos seus deveres, que o colocam em perfeita sintonia com os dirigentes espirituais. Essas qualidades desenvolvem o campo da intuição, possibilitando-lhe registrar com muita precisão os pensamentos e orientações dos condutores e demais participantes dos trabalhos no plano espiritual.

55. Como o dirigente deve tratar a questão dos médiuns que faltam constantemente aos trabalhos de desobsessão?

O dirigente deve orientar os participantes do grupo quanto à presença deles nas reuniões regulares, nos horários certos e devidamente preparados, fazendo-os ver que o relaxamento dessas responsabilidades implicará prejuízos no campo do socorro espiritual aos necessitados que são previamente programados para o atendimento fraterno. É a mesma coisa que médicos e enfermeiros

responsáveis por determinados programas de cirurgias, em dias e horários fixados pela direção do hospital, resolvessem não comparecer sem qualquer comunicado prévio que permitisse ao hospital adotar as substituições ou outras providências cabíveis para não prejudicar os pacientes nem comprometer os serviços da instituição. A falta aos trabalhos de desobsessão só deve ocorrer por motivos justos e, mesmo assim, segundo orientação de André Luiz em **Desobsessão**, o trabalhador deve comunicar previamente sua ausência ao dirigente, para evitar prejuízos e não estimular a indisciplina. Nos casos de falta sistemática, é recomendável substituir o médium por outro que queira assumir o compromisso.

56. E como avaliar também o doutrinador que não cumpre os horários e falta com frequência às sessões, obrigando a Casa a improvisar substitutos, de última hora?

Vamos deixar que o Espírito André Luiz responda, em **Conduta Espírita**, essa questão que costuma afetar frequentemente as sessões mediúnicas e as próprias Casas Espíritas. "Somente a forja do bom exemplo plasma a autoridade moral. Observar, por isso, rigorosamente o horário das sessões, com atenção e assiduidade, fugindo de realizar sessões mediúnicas inopinadamente, por simples curiosidade ou ainda para atender a solicitação sem objetivo justo. Ordem mantida, rendimento avançado". É bom que os candidatos a doutrinação ou doutrinadores já em atividade procurem refletir sobre essa orientação de André Luiz. E ainda a propósito, mais uma vez nos socorre Emmanuel, através de **Fonte Viva**: "É indiscutível a nossa imperfeição de seguidores da Boa Nova. Todavia, obedecendo ou administrando, ouvindo ou combatendo, é indispensável afinar o nosso instrumento pelo diapasão do Mestre, se não desejamos prejudicar-lhe as obras". Se por falta de assiduidade do doutrinador, o trabalho do grupo for comprometido, ele deve ser imediatamente substituído, se não tiver a sensatez de ser o primeiro a tomar a iniciativa de pedir seu afastamento e recorrer à orientação da Casa.

57. Qual deve ser a postura do doutrinador diante de manifestações de risos, gracejos, lorotas, achaques, piadas ou outras situações de hilaridade provocadas por Espíritos brincalhões e galhofeiros nas sessões mediúnicas?

No livro **Devassando o Invisível**, conta a médium Ivonne A. Pereira que certa feita, em desdobramento, ela se viu diante de uma falange de entidades dessa natureza, que obsidiavam uma sua parente de 10 anos. Ao ver as palhaçadas, gestos e carantonhas dos infelizes, teve impulso de rir, no que foi imediatamente contida por seu mentor Charles, que a admoestou: — **Rir-se é aplaudir, louvar seus atos e, portanto, afinar com eles... Haveria troca de vibrações... e de qualquer forma se estabeleceria o malefício... Será necessário ao médium como ao Espírito (ela estava desdobrada), diante deles o domínio de toda e qualquer impressão e emoção, um equilíbrio isolante traduza superioridade moral.** E acrescenta Roque Jacinto, em **Doutrinação**: "Por maior o ridículo da posição ou da situação, da expressão ou do dito jocoso daqueles que nos procurem no intercâmbio mediúnico, não devemos acolhê-los como convites perturbadores, porque corremos o risco de desbaratar as energias concentradas para o atendimento caritativo".

58. O doutrinador deve permitir manifestações depois de encerrados os trabalhos da reunião de desobsessão?

"Parece uma coisa ilógica encerrar-se um trabalho de qualquer natureza e ele continuar se desenrolando", eis como se pronuncia a propósito Carlos Imbassahy. É da maior importância que doutrinador e médium estejam atentos para não estimular manifestações em locais e horário inadequados. Os Espíritos esclarecidos sabem se comunicar no instante e no local apropriados, evitando qualquer interferência que não seja do legítimo interesse, necessidade e conveniência das sessões mediúnicas. São os Espíritos desajustados que se aproveitam de médiuns invigilantes para forçar indisciplinas. Nesses casos, cabe ao doutrinador, "agindo com presteza e com discrição possíveis, convidar o Espírito para se retirar, esperando o momento aconselhável para expressar-se como necessita" — eis a recomendação do Espírito Odilon Fernandes, através do médium Carlos A. Baccelli, na obra **Mediunidade e Evangelho**. Em **O Livro dos Médiuns, 2a. Parte, Questão 282, item 25**,

vamos encontrar a mesma orientação, se não for oportuna a manifestação do Espírito.

59. Quando o dirigente esclarecedor encerra a reunião de desobsessão no Plano Físico significa também que os trabalhos estejam encerrados no Plano Espiritual?

Nem sempre, porque, apesar de sintonizado conosco na disciplina benéfica, o Plano Espiritual atende a nuances que muitas vezes nem desconfiamos. Isso não significa, porém, que as manifestações mediúnicas devam continuar após o encerramento da sessão no nosso plano. A este propósito, J. Raul Teixeira nos ensina, em **Correnteza de Luz**, que "durante os labores desobsessivos, os Seareiros do Bem costumam levar para os locais de trabalho aparatos fluídicos os mais variados para o atendimento de uma infinidade de problemas apresentados por desencarnados em tormenta. Muitos sofredores invisíveis têm necessidade de permanecer no mesmo ambiente das reuniões, após a lide formal, sendo inúmeras vezes atendidos de modo mais direto e profundo pelos componentes da equipe quando desdobrados pelo sono comum". E analisa, então, Raul Teixeira: "Razão temos aí para que os líderes das reuniões de desobsessão não se imiscuem em agitações e folguedos desnecessários, depois das tarefas, procurando manter seu íntimo clima de alegria e de paz até entregar-se ao repouso". Estas são o tipo da informação que o doutrinador deve lembrar aos componentes do grupo sempre que estiver encerrando uma reunião de desobsessão. É bom insistir no esclarecimento de que o médium deve estar sempre preparado para o socorro espiritual, a toda hora pode ser convocado a servir pelas equipes invisíveis que agem em nome da Providência Divina.

60. É coerente que o doutrinador conduza os trabalhos de uma reunião de desobsessão com a presença apenas de um médium de psicofonia ou psicografia no grupo?

É lamentável que num grupo de 10 componentes, que é o tamanho de cada equipe de desobsessão do GEPE, se chegue ao ponto de não se contar com o número mínimo de pelo menos dois médiuns ostensivos e dois de apoio para não se ter que adiar uma reunião de socorro espiritual a encarnados e desencarnados em sofrimento. É como um hospital que se obrigasse a suspender cirurgia de urgência porque a equipe médica escalada deixasse de comparecer e seria temeroso a direção improvisar diante da gravidade dos trabalhos previamente programados. Grupos mediúnicos com esse perfil devem ser imediatamente reformulados, porque não há o essencial: o compromisso com o trabalho. Se o trabalho está programado e aconteceu, como é possível, esse estranho imprevisto de ter comparecido apenas um médium da equipe, dependendo da qualidade do médium, o doutrinador pode e deve tentar o concurso de mais um ou dois que possam estar disponíveis noutros grupos, para garantir a realização da sessão nessas condições de emergência. Temos exemplos de reuniões com poucos médiuns que foram mais produtivas do que outras mais bem servidas de médiuns que pouco ou quase nada produziram. De qualquer forma, o que aqui está em observação é o problema da falta de compromisso dos médiuns e a necessidade de atendimento ao paciente programado para o socorro. Agora, sem médiuns não há reuniões mediúnicas. E sem as condições mínimas recomendáveis, o doutrinador deve transferir o atendimento para uma próxima oportunidade.

61. Como enfrentar o problema das comunicações simultâneas?

Embora pressionado por entidades aflitas que se assenhoram do aparelho mediúnico, ansiosas pelo socorro espiritual, o dirigente da reunião de desobsessão não deve permitir as comunicações simultâneas, ou seja: que mais de um médium se manifeste a um só tempo. Nesses casos, o doutrinador deve esclarecer os médiuns que, mesmo assediados pelas entidades enquanto um outro companheiro está em transe mediúnico, devem dialogar mentalmente com os pretensos comunicantes mais impacientes para que aguardem a sua vez, que serão fraternalmente atendidos. Até mesmo o médium que desfrutava de um mais avançado estado de sonambulismo marcado pela inconsciência deve exercitar esse domínio indispensável sobre o seu aparelho mediúnico para evitar comunicações simultâneas ou paralelas, bem como o descontrole emocional de qualquer entidade. Vejamos o que nos diz o Curso de Estudos sobre Mediunidade — A Mediunidade e o Médium — do Centro Espírita Allan Kardec de Campinas - SP: "O

médium é sempre responsável pela boa ordem do desempenho mediúnic, mesmo na forma inconsciente, porque somente com a sua aquiescência ou conivência o comunicante pode agir (exceção feita aos casos de obsessão)".

62. E qual o número limite de comunicações que o doutrinador deve permitir para cada médium?

O livro **Desobsessão**, ditado pelo Espírito André Luiz, oferece a seguinte resposta: "Só se deve permitir a cada médium duas passividades por reunião, eliminando com isso maior dispêndio de energia e manifestações sucessivas ou encadeadas, inconvenientes sob vários aspectos. Em todas as circunstâncias, o médium a serviço da desobsessão não se pode alhear da equipe em que funciona, conservando a convicção de que dentro dela assemelha-se a um órgão no corpo, e que precisa estar no lugar que lhe é próprio para que haja equilíbrio e produção no conjunto". Se a equipe de médiuns for maior do que o comum, por falta de espaço físico para o funcionamento de mais grupos, o médium estará cumprindo seu dever com apenas uma comunicação e permitindo que os demais componentes participem também dos trabalhos. Agora, isso não é uma regra puramente matemática, pois dependendo do comunicante e da circunstância da reunião, esse limite ideal ao equilíbrio dos trabalhos e dos médiuns pode ser ampliado para até três manifestações, em casos, por exemplo, em que a equipe mediúnica esteja desfalcada no seu corpo de médiuns de psicofonia.

63. Há alguma vantagem para a eficácia dos trabalhos no fato de ser o doutrinador também vidente?

Não é bem vantagem o termo. Há, possivelmente, uma maior confiança de parte do doutrinador e também do grupo quanto à realidade do fenômeno mediúnic. Porém, como cada caso é um caso, aquilo que, em determinadas circunstâncias, possa ser encarado como fator aparentemente positivo em mediunidade, poderá ser, na realidade, fator negativo. Isso porque a entidade que o doutrinador esteja, eventualmente, vendo naquele momento poderá não ser aquela que está, de fato, se comunicando. Também, o vidente não vê a hora que quer nem o que quer ver. Por outro lado, a entidade poderá enganá-lo, confundindo sua vidência com o emprego da ideoplastia e outros recursos incontáveis de que os Espíritos embusteiros dispõem para mistificar, disfarçando a própria aparência. Essa vantagem que se presume, portanto, é muito relativa e poderá vir a ser até uma tremenda desvantagem, se o doutrinador vidente não aliar às suas precauções outras cautelas que a experiência recomenda para o delicado intercâmbio entre os dois planos. **O Curso de Estudos Sobre Reuniões Mediúnicas**, organizado pelo Centro Espírita Allan Kardec, de Campinas/SP, considera a vidência na doutrinação como um bom instrumento para fornecer ao doutrinador informações e detalhes que podem ajudar no seu trabalho. São necessárias, porém, as devidas cautelas que a própria Doutrina Espírita nos recomenda tanto.

64. Como, então, o doutrinador pode perceber, por exemplo, um caso de mistificação no fenômeno mediúnic?

O Espírito mistificador, ou seja, aquele que se diz ser o que não é, com o objetivo determinado de enganar, fazendo-se passar por entidades, nomes respeitáveis, que estão muito acima da sua condição espiritual, pode ser detectado e desmascarado pelo próprio conteúdo de sua conversa. Não se pega um mentiroso facilmente na mentira pelas contradições, a insegurança e o tom de leviandade no que diz? Assim também dá-se com os desencarnados. Ao se defrontar com essas situações, o doutrinador deve inclusive estimular a conversa, analisando psicologicamente o caráter do comunicante, para ver se o que ele fala combina bem com o que ele afirma ser. O dirigente deve ter cuidado com os elogios, exaltações de cunho pessoal que esse tipo de comunicante costuma lançar ao orientador e demais componentes do grupo de encarnados, como estratégia para alcançar o seu intento. Cabe ao doutrinador, ao perceber que se trata de mistificação, chamar o Espírito a responsabilidade, fazendo-o entender, com enérgica serenidade, que ele é quem está tentando enganar-se, e convidá-lo a modificar-se. É bom que o dirigente se conscientize de que é imprevisível a engenhosidade do mistificador.

65. O doutrinador deve pedir informações ou descrições do que se passa no plano espiritual aos médiuns videntes ou clarividentes presentes à reunião?

Não há necessidade, para evitar que o grupo alimente idéias de insegurança quanto ao doutrinador, como também para não estimular vaidades entre médiuns. Além disso, o médium clarividente pode registrar — e isso é muito comum — quadros que reflitam tão somente pensamentos do mentor ou do Espírito comunicante, sob cuja influência magnética o médium esteja espiritualmente submetido. Quer dizer, nessas condições, o que o médium está vendo não são os quadros referentes ao andamento da reunião no plano espiritual, mas as situações projetadas pelos pensamentos dos Espíritos participantes, que ganham forma e mobilidade como se fossem cenas vivas, embora muitas vezes destoantes do quadro central da reunião. "Mediunidade é sintonia e filtragem", conforme adverte André Luiz, acrescentando que "cada Espírito vive entre as forças com as quais se combina, transmitindo-as segundo as concepções que lhe caracterizam o modo de ser". Por isso é que, muitas vezes numa sessão, é comum ouvir de determinado médium que está vendo situações que nada têm a ver, aparentemente, com o motivo da reunião. Convém, portanto, ao dirigente esclarecedor não se apegar demasiadamente a esse tipo de informação, deixando que a sua boa fé e a intuição sejam os recursos de rastreamento mais eficazes, ocupando o médium somente naquilo que for realmente necessário ao bom desempenho dos trabalhos. Isso não impede, porém, que o médium que detenha uma informação que julgue importante no quadro geral da reunião faça-o com a devida precisão e discricção, em momento oportuno.

66. Como o doutrinador deve orientar os casos de desdobramento, para melhor utilização desses recursos nos serviços mediúnicos?

Basta seguir as orientações que André Luiz oferece, de forma abundante e claríssima quando narra as experiências, que acompanhou do lado espiritual, com o médium Antônio Castro. Nessa operação, em que se desdobra também a participação da equipe espiritual, o médium, orientado no plano material pelo dirigente da reunião Raul Silva, vai a uma colônia espiritual distante onde visita um companheiro recém- desencarnado da Casa Espírita, que de lá se comunica com os irmãos encarnados por seu intermédio. É aí, nessas circunstâncias, que o desdobramento funciona como canal mediúnico. São emocionantes as cenas descritas pelo médium viajante e mais ainda, a maneira como o grupo de encarnados recebe a mensagem falada do companheiro desencarnado de tão longa distância. E a isso é que André Luiz refere-se como desdobramento em serviço. São operações, sem dúvida, de grande valia para os trabalhos de socorro espiritual nos grupos de desobsessão responsáveis, mas que precisam, por isso mesmo, de conhecimento e maturidade dos participantes. Não pode servir à simples curiosidade, e o médium tem que receber bom adestramento.

67. Como o doutrinador distinguir mistificação de fraude?

Mistificação é a fraude do Espírito comunicante. Quer dizer, o Espírito desencarnado é quem engana, quem blefa. Já a fraude é de iniciativa do médium, que resolve enganar e o faz conscientemente", como nos informa M. B. Tamassia em *Você e a Mediunidade*. Fala-se também da fraude inconsciente, aquela que o médium praticaria sem o saber, em estado sonambúlico. No caso da fraude consciente, há a intenção deliberada de ludibriar. De qualquer forma, deve o dirigente estar atento e procurar por todos os meios evitá-la, porque ela traz grandes prejuízos para a Doutrina Espírita.

68. E nos casos de animismo, como o doutrinador deve se comportar?

No animismo, é a personalidade do médium que se manifesta "**com** ou **no lugar** do Espírito", segundo também Tamassia. No primeiro caso, o médium influencia com seus pensamentos na comunicação do Espírito. No segundo, o médium, em transe anímico, dá, inconscientemente,

comunicação de seu próprio Espírito. Hermínio C. Miranda diz que "o bom médium é aquele que transmite tão fielmente quanto possível o pensamento do comunicante, interferindo o mínimo que possa no que este tem a dizer". E sugere de forma muito abalizada: "O cuidado que se torna necessário ter na dinâmica do fenômeno não é colocar o médium sob suspeita de animismo, como se o animismo fosse um estigma, e sim ajudá-lo a ser um instrumento fiel, traduzindo em palavras adequadas o pensamento que lhe está sendo transmitido sem palavras pelos Espíritos comunicantes". Esta é a orientação que pode ser seguida pelo doutrinador.

69. Mas como o doutrinador pode diferenciar de uma forma bem prática o fenômeno anímico do mediúnico, numa sessão espírita?

No livro **Palavras de Luz**, o médium Divaldo Pereira Franco dá a seguinte resposta: "O doutrinador pode descobrir quando ocorre um ou outro fenômeno, se conviver com o médium. Todos temos fixações, vícios de linguagem. Havendo, no fenômeno mediúnico, repetições dos vícios de linguagem, e os modismos fazendo-se exaustivos, o fenômeno é mais anímico do que mediúnico. Quando, no fenômeno, ocorrem idéias que não são habituais ao médium, encadeadas, sem a contribuição do raciocínio, chegando prontas e enviadas em boa embalagem, o fenômeno é mediúnico porque não foi resultado de uma elucubração, de um trabalho da personalidade do sensitivo". Agora, nem sempre podemos definir com exatidão quando o fenômeno está sendo coadjuvado por Espíritos, valendo ressaltar que cabe ao próprio médium, através do estudo e da experiência, auto avaliar-se não somente quanto a esse aspecto do animismo, mas igualmente quanto a todos os demais fatores que concorrem na delicada tessitura dos fenômenos espíritas.

70. O que fazer o doutrinador se um médium iniciante já começa logo transmitindo manifestações bombásticas ou dissertações mais ousadas que as atribui a Espíritos-guias, mentores ou a defuntos ilustrados?

Deve acompanhá-lo com interesse e critério, para não desestimulá-lo com opiniões precipitadas, mas também não deve encorajá-lo açodadamente sem que antes tenha segurança de que ele não está sendo vítima de puro animismo nem de mistificação. Ele pode também está sendo treinado pelos Espíritos para vôos mais altos, ou seja, para tarefas mediúnicas de maior alcance. Por isso, o que esse iniciante tem a fazer é ser orientado para o estudo da Doutrina e exercício criterioso da mediunidade evangelizada, até que por ele mesmo descubra o rumo certo do seu potencial mediúnico e o coloque a serviço da caridade. Léon Denis, em **No Invisível**, é categórico ao afirmar que "a mediunidade percorre fases sucessivas e que, no período inicial de desenvolvimento, o médium é sobretudo assistido por Espíritos de ordem inferior, cujos fluidos ainda impregnados de matéria se adaptam melhor aos seus e são apropriados a esse trabalho de bosquejo, mais ou menos prolongado, a que toda faculdade está sujeita". J. Raul Teixeira, grande missionário do Espiritismo, fala na abertura do seu **Correnteza de Luz** da bateria de Espíritos menores pela qual teve de passar sua mediunidade até encontrar-se com seu Amigo de Luz, o Espírito Camilo, condutor espiritual de sua missão. O bom senso, portanto, deve preceder a tudo. Todos temos de nos preparar, se quisermos servir. E, como diz Emmanuel em **Alma e Coração**, "toda necessidade exige socorro, mas, se o socorro aparece destrambelhado, a necessidade faz-se maior".

71. Como avaliar médiuns repetitivos, cujas comunicações, ao longo dessas sessões, se revelam geralmente improdutivas?

Para Divaldo Franco, eles estão sendo vítimas de fenômenos anímicos ou de variações da própria mediunidade. E aconselha: "O médium psicofônico que durante certo período não realize maiores progressos, deve passar a controlar suas manifestações e a colaborar como médium da caridade, de socorro pela prece, ajudando mentalmente aos que estão exercendo a faculdade ativa". E vejam o fecho desse raciocínio: "A sessão propriamente dita é resultado do grupo de servidores passivos e ativos. Pessoas frias mediunicamente para colaborarem na realização do fenômeno devem contribuir com sua vibração mental".

72. O que o dirigente deve entender por compulsão, no fenômeno mediúnico?

Compulsão, como o próprio nome indica, é o envolvimento do médium por fatores externos que o impulsionam para determinada direção. Na mistificação são os Espíritos que engendram o engano; na fraude, são os próprios médiuns; na compulsão são o dirigente do trabalho, o público assistente, os hábitos reinantes, o meio onde vive o médium, o desejo de obter comunicações espetaculares, o envolvimento político, além de outros fatores de ordem cultural. Quer dizer, o médium é levado por esse conjunto de influências externas a direcionar suas manifestações. Por isso é que os doutrinadores devem evitar predispor o médium para determinado rumo de comunicações ao tratar com eles, antes das reuniões, sobre assuntos que possam influenciar a sua conduta sensitiva nos trabalhos.

73. O doutrinador pode ser médium ostensivo?

"Todos os componentes da equipe assumirão funções específicas", eis o que recomenda o Espírito André Luiz, no livro **Desobsessão**". Também, no prefácio de **Grilhões Partidos**, o Espírito Manoel Philomeno de Miranda define o perfil de uma equipe mediúnica chamando a atenção para o campo de ação específico de médiuns e doutrinadores. Mas não há, contudo, nenhuma recomendação indicando essa posição como proibição absoluta, até mesmo porque em Doutrina Espírita a razão, a lógica e o bom senso são da essência dos seus ensinamentos. É claro que cada pedra deve ter o seu lugar certo na construção. E na equipe mediúnica, cada componente participa do trabalho com o instrumento que lhe é peculiar. Isso não significa dizer que a necessidade não possa alterar a posição de determinados componentes, para atender ao objetivo maior da sessão, que é o socorro espiritual. Conta-nos a grande médium Yvonne Pereira, falando de suas próprias experiências com desobsessões em **Recordações da Mediunidade**: "Lembramo-nos aqui de um desses obsessores com o qual travamos conhecimento durante certos trabalhos para curas de obsessão, realizados na antiga Casa Espírita da cidade de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais, o qual dizia, **quando, presidindo nós as sessões, o exortávamos** (o grifo é proposital para mostrar que a médium estava não só dirigindo a sessão como dialogando com a entidade, o que significa dizer que estava doutrinando) a abandonar a infeliz atitude de perseguidor do próximo, usando então expressões quase integralmente idênticas às aqui lembradas". E transcreve todo o diálogo, por sinal o mais digno de um doutrinador consciente do seu papel, que manteve com a entidade. Fala, em seguida, sobre a transformação desse Espírito vingador e arremata: "A instrução doutrinária, o exemplo, a paciência e o amor são, portanto, fatores indispensáveis ao bom êxito dos trabalhos de curas de obsessão". E nós aqui argumentamos: na falta de doutrinadores preparados, não há, por exemplo, como um médium experimentado deixar de assumir a direção do grupo para a realização dos trabalhos. Também, numa emergência como negar atendimento aos necessitados alegando-se a falta de doutrinadores, se estiverem presentes médiuns controlados em condições de dialogar com as entidades sem perigo de envolvimento emocional? **O Projeto Manoel P. de Miranda - Reuniões Mediúnicas** - orienta no final do capítulo que trata sobre essa questão que "havendo necessidades de serviço, os Guias Espirituais podem modificar o campo de sintonia de um médium de tal modo que ele passe a ser um doutrinador". Argumenta, porém, assumindo a responsabilidade da orientação, que se tal fato acontecer, "dar-se-á de modo permanente e duradouro e, nesses casos, a pessoa mudará efetivamente de função; nunca, porém, exercendo ambas simultaneamente". A verdade é que os Espíritos não se preocupam com esses detalhes de que o doutrinador, aquele que dialoga com os obsessores e os aconselha a renunciarem ao mal, não possa ser necessariamente um médium. O item 5 da questão 254 de **O Livro dos Médiuns** contém a seguinte pergunta: "Não se pode combater a influência dos maus Espíritos moralizando-os?" Resposta: "Sim, é o que não se faz e o que não é preciso negligenciar em fazê-lo; porque, freqüentemente, é uma tarefa que **vos é dada e que deveis cumprir caridosa e religiosamente.**" (O grifo nosso é para chamar a atenção de que a resposta se dirige a todos nós indistintamente, médiuns e não médiuns, por ser um dever de caridade). E arremata: "Pelos sábios conselhos pode-se induzi-los ao arrependimento e apressar-lhes o adiantamento".

74. Pode o doutrinador ser alguém, por exemplo, analfabeto?

Poder pode porque a ninguém é proibido orientar, aconselhar, esclarecer alguém que está no erro e

ajudá-lo a encontrar o caminho do bem. Quantas mães, quantos pais iletrados não aconselham filhos tidos como sábios do mundo, mas que enfrentam grandes conflitos interiores e dificuldades morais de toda a sorte? No livro **Jesus no Lar**, o Espírito Neio Lúcio nos diz, através da psicografia exemplar de Chico Xavier, que a sabedoria e o amor são as duas asas dos anjos que chegaram ao Trono Divino, "mas, em toda parte, quem ama segue à frente daquele que simplesmente sabe". Contudo, nos esclarece André Luiz: "A cultura intelectual pode não ser condição física de nossa felicidade, no entanto, é imperativo de engrandecimento de nossa alma". E enfatiza: "Quem não sabe ler, não sabe ver como deve". Quer dizer, o doutrinador ideal é aquele que reúne bondade e conhecimento. "De resto, o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos está em razão da sua superioridade moral", orienta-nos **O Livro dos Médiuns**, no final do item 5 da questão 254.

75. E quanto aos Espíritos que se apresentem falando línguas diferentes, de que o doutrinador não tenha qualquer conhecimento, como então encarar o comunicante?

Numa comunicação assinada conjuntamente pelos Espíritos Erasto e Timóteo, em **O Livro dos Médiuns**, tem-se a seguinte explicação sobre a linguagem dos Espíritos: "... Com efeito, nos comunicamos com os próprios Espíritos encarnados, como com os Espíritos propriamente ditos, unicamente pela irradiação do nosso pensamento. Nossos pensamentos não têm necessidade das vestes da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos". Mas também nós sabemos que logo que desencarnam, os Espíritos não se libertam da linguagem articulada, como também dos gestos e expressões tais como cultivavam na Terra. Os hábitos e costumes dos grupos determinam a sua reunião em famílias e núcleos no Mundo Espiritual, onde civilizações inteiras continuam na marcha evolutiva. Por isso, a preferência dos Espíritos errantes, ainda apegados à crosta terrestre, por aglomerações afins em cultura, língua e nacionalidade. Assim como acontece aqui no Mundo Material, nessa condições, a comunicação se torna mais fácil. Com o tempo, à medida que passam a faixas vibratórias menos densas, a telepatia vai sendo empregada com mais constância, até atingir um estágio mais elevado de comunicação, ou seja, o nível das idéias, uma vez que a linguagem real do Espírito é a do pensamento. Por isso, enquanto não estiverem ainda libertos desses condicionamentos, os Espíritos podem se manifestar nas sessões mediúnicas falando a língua que levaram do país ou região da Terra onde tiveram suas experiências. Se eles conseguem se comunicar em suas línguas, é que há na reunião médiuns políglotas que têm a faculdade de falar ou de escrever em línguas que lhes são estranhas — muitos raros, aliás. Cabe ao doutrinador, se também não conhece a língua em que o Espírito se comunica, limitar-se a ouvir e acompanhar a mensagem para avaliações posteriores. Se conhece e sabe que ela está sendo transmitida corretamente, deve registrar o comunicado e dispensar a presença da entidade, sugerindo-lhe que o pensamento é a linguagem comum a todos e que ela procure, numa próxima oportunidade, comunicar-se na forma acessível da nossa linguagem, para possibilitar o diálogo franco. Se o médium faz apenas aquele arranjo gutural, se pronuncia termos ininteligíveis, frases entrecortadas sem nexo, pensamentos truncados, é aconselhável mais cautela ainda. De qualquer forma, tenta-se, de boa vontade, esclarecer as coisas. Mas na insistência da mensagem indecifrável, o melhor que se faz é despachar o Espírito e passar a examinar o fenômeno com mais atenção, como também o médium. Se for realmente um Espírito que tenha, de fato, necessidade de comunicar-se, ele vai encontrar os meios mais eficazes e menos complicados.

76. Como proceder o doutrinador diante do medianeiro que exhibe muitos tiques, ruídos, assobios, respiração ofegante, expressões fixas, estalo de dedos, arrastado de pés, fungado, etc.

Tudo isso pode nada ter a ver com os Espíritos comunicantes. O médium geralmente sofre o contágio decorrente da sugestão ou irritação e isso, com o tempo, vira reflexo condicionado. Quer dizer, sempre que o médium estiver sob esse clima de sugestão e irritação, ele se expressará com aquelas mímicas. Há autores, como M. B. Tamassia, que recomendam não se dar excessiva importância a esse tipo de comportamento, embora seja dever não só do doutrinador, mas de todo espírita consciente orientar os companheiros em sentido contrário, para que eles operem como médiuns sem esses inconvenientes. Nesses casos, é aconselhável ao orientador a atitude de prudência, tentando mudar o

médium com habilidade, aconselhando-o e recomendando-lhe o estudo da Doutrina Espírita a esse respeito, uma vez que há médiuns que necessitam desses trejeitos tanto quanto certos músicos se exprimem melhor fazendo certas caretas, assumindo algumas posturas físicas bizarras até. Hoje em dia, todas as casas espíritas desenvolvem, geralmente, programas de estudo para a formação de médiuns, de sorte que os candidatos ao intercâmbio ou mesmo médiuns já desenvolvidos entram em contato com as orientações doutrinárias, superando pela auto-educação todos esses hábitos, influências culturais e amuletos que não têm nenhuma consequência positiva no exercício da mediunidade. Todavia, não devem ser pressionados nem forçados a uma mudança abrupta para não criar inibições. Tem médiuns que só acreditam que estão dando passividade ao Espírito se assumirem esses trejeitos que geralmente supõem ser exteriorizações dos Espíritos comunicantes. Outros os adotam inconscientemente. E muitos por hábito, pura e simplesmente, como quem se habitua a só conversar gesticulando com as mãos e meneando a cabeça.

77. Como tratar, então, os pretos-velhos, caboclos e índios que se apresentam nas sessões espíritas, com aquele linguajar tradicional?

Divaldo Pereira Franco é muito objetivo, ao examinar o assunto em **Palavras de Luz**: "O preto-velho de hoje pode ter sido o intelectual de ontem. Mas o índio de agora não há de ter sido o homem sábio do passado. O homem culto que exerceu mal o conhecimento, pode vir na área do analfabetismo para desenvolver outros sentimentos, ou na da escravidão para santificar o amor." E é mais claro ainda: "Se o preto-velho tem conhecimento, não é necessário manter aquela postura que lhe foi uma necessidade temporária. Se vem falando um português errado, torna-se um prejuízo porque nos ajuda a deformar a instrução, quando nos deveria auxiliar a melhorá-la". Divaldo diz-se inclusive testemunha de comunicações desse tipo em que se percebe mais atavismo do que autenticidade. Outros autores como Carlos Imbassahy, analisando o mesmo problema em **Quem Pergunta Quer Saber** acha que a pureza do Espiritismo "não está nesses preconceitos e sim no conteúdo filosófico-doutrinário que encerre", para concluir que "se quisermos conservar a autenticidade do Espírito, temos que aceitá-lo como é e não como queremos que o seja". E fecha seu raciocínio com esta frase bem direta: "Um verdadeiro espírita não se preocupa com este problema: sabe que o Espírito pode falar da forma que lhe aprouver. Eis tudo." A questão 223 de **O Livro dos Médiuns**, no seu item 15, é muito clara a respeito desse mecanismo da comunicação: "O Espírito errante, em se dirigindo ao Espírito encarnado do médium não lhe fala nem **Francês**, nem **Inglês**, mas a língua Universal que é o **Pensamento**; para traduzir as suas idéias em uma linguagem **articulada, transmissível**, toma suas palavras no **vocabulário** do médium" (os grifos são nossos).

78. Isso significa dizer, então, que o médium não precisa mudar sua linguagem?

Não precisa, uma vez que o que ele está transmitindo é diretamente o pensamento do Espírito comunicante. "É o Espírito do médium que o interpreta, porque está ligado ao corpo que serve para falar, e é preciso um laço entre vós e os Espíritos estranhos que se comunicam, como é necessário um **fio elétrico** (grifo nosso) para transmitir uma notícia ao longe, e no fim do fio uma pessoa inteligente a recebe e a transmite". Vejamos esta explicação mais didática do processo, que nos dá a publicação da USE **Subsídios para Atividades Doutrinárias**: "Os pensamentos do Espírito, por meio de seu perispírito, atingem o perispírito do médium, penetram até o corpo físico e chegam ao cérebro. O médium transforma esses pensamentos ou esses quadros mentais em palavras ou em escrita. Fica dessa forma caracterizada a comunicação". E conclui o mesmo texto: "Observe-se, portanto, que não é o Espírito desencarnado que fala ou escreve, é o médium que interpreta os pensamentos recebidos, segundo sua própria evolução ou desenvolvimento da faculdade. Essa realidade muda por completo a visão que devemos ter da mediunidade". E aqui completamos nós: é por isso que **médium** significa **intermediário**, é uma antena que capta e transmite o pensamento de outros Espíritos, registrando como um radar — dependendo do seu grau de sensibilidade — as sensações do Espírito comunicante, de alegria, de tristeza, de revolta, de resignação, de medo, de dúvida, etc., inclusive as sensações físicas que o Espírito tenha levado para o plano imaterial, as impressões predominantes em seu estado mental, por seu apego às coisas da matéria.

79. Mas essa linguagem típica não é usada pelo Espírito comunicante para facilitar ou comprovar sua identidade?

Escreve Celso Martins em **Caboclos, Índios, Pretos-Velhos e Outros Assuntos** "... que muitos Espíritos que, na Terra, animaram uma personalidade que fora um índio, um negro, um caboclo, mesmo fora do corpo denso podem achar que ainda são índios, Pretos-Velhos, caboclos. E através de um médium dão estas características como meio de identificação". Em seguida dá a sua posição na condição de estudioso do assunto: "...Por isso, aceito, sim, e por que não haveria de aceitar a possibilidade de um Espírito que, na última passagem sobre a Terra, tenha vivido nas selvas amazônicas ou numa senzala do Brasil escravocrata, dar uma comunicação pensando que ainda é índio ou preto-velho, até usando um linguajar típico?..." E, depois de outras considerações sobre as múltiplas razões que levam os Espíritos a manter ou assumir essas personificações, nas comunicações mediúnicas, o autor fala sobre a importância do esclarecimento fraterno para que essas entidades abandonem as antigas concepções da vida terrena e assumam a realidade do progresso inerente a todos os seres. "Não é leal nem justo manter aquele Espírito na ilusão de que ele ainda é um preto-velho, ou um índio, ou um caboclo porque isto não vigora na Pátria da Verdade". Ele recomenda que esse tipo de orientação cristã deve ser mais intensa ainda nos casos comprovados de mistificação e animismo, eliminando a idéia errônea, mas ainda muito arraigada na concepção de muitas pessoas que têm nos Pretos-Velhos, índios e caboclos seres inferiores que estão ainda na condição de serviçais para lhes atenderem os pedidos. Todavia, é dever do doutrinador, como de todos os espíritas, atender essas entidades fraternalmente, sem preconceitos, conscientes de que sem a permissão das leis divinas elas não teriam como se manifestar nas reuniões.

80. E a mudança no timbre de voz do médium deve ou não ser vista pelo doutrinador como uma prova a mais de que existe aí, na verdade, um Espírito se comunicando?

A questão da transfiguração mediúnica pode funcionar também nas manifestações de psicofonia. O Espírito pode sobre o órgão fonador do mediano construir uma **garganta ectoplásmica** que lhe permite comunicar-se quase por **voz direta**. Na obra **Mediunidade e Evangelho**, psicografada por Carlos A. Baccelli, o Espírito Odilon Fernandes diz que os médiuns psicofônicos não devem se preocupar com o fenômeno da transfiguração mediúnica. "A mudança de timbre de voz numa comunicação é até um fato corriqueiro, embora, a rigor, isto não tenha uma importância maior do que a mensagem em si; é como a mudança de caligrafia numa comunicação escrita que não deve significar mais do que o seu conteúdo, porque é através do seu pensamento que identificamos a natureza do Espírito comunicante". E acrescenta ainda Odilon Fernandes: "Timbres de voz e tipos de letra podem ser imitados, mas o plágio das idéias e sobretudo de emoções é muito mais difícil". Como vemos, nem sempre a forma, mas a essência da comunicação é que melhor identifica a presença e a natureza do comunicante.

81. Como tratar, porém, o Espírito que se diz consciente da sua situação, mas que assume a personificação e o linguajar de preto-velho por ter sido esta uma das encarnações mais profícuas para sua reabilitação?

Será que ele está consciente mesmo da sua situação, ou será que não transporta, no fundo, os atavismos das suas crenças primitivas, sobre os quais já falamos? Divaldo Pereira Franco conta que, no começo de suas atividades mediúnicas, recebeu muita ajuda de uma entidade que se dizia preto-velho. Num determinado instante, o Espírito Joanna de Ângelis, que tinha real conhecimento da situação dessa entidade, dirigiu-se a ela advertindo-a, como reproduz em **Palavras de Luz**: "Se o meu amigo pretende o médium de que me utilizo, vai mudar de comportamento ou não poderá comunicar-se mais, porque não podemos perder tempo com frivolidades. Nosso tempo é muito reduzido". A entidade compreendeu a orientação e passou a comunicar-se com o nome que teve em outra encarnação, conclui Divaldo. A coleção **Estudos e Cursos - Reuniões Mediúnicas** dá a seguinte orientação: "Se o Espírito diz que se apresenta assim porque tal encarnação lhe foi muito útil por lhe haver permitido adquirir virtudes,

especialmente a humildade (por não se rebelar nem odiar ante o domínio injusto que sofreu) e o deseja exemplificar, nossa atitude será: dizer que entendemos o seu propósito, mas que a humildade não consiste em aparências exteriores, nem em atitudes servis; ser humilde é não se considerar melhor e mais merecedor que os outros, não se colocar jamais acima de ninguém". É por aí a postura do doutrinador que se mantém consciente de que os Espíritos que ensinam buscam realmente a verdade, procurando superar a todo custo fantasias e enganos. Mas inconvenientes mesmo só há quando existe engodo, trama, mistificação ou fraude. Nos nossos trabalhos, **no Grupo Espírita Paulo e Estêvão**, quando surgem esses tipos de manifestações, nós acolhemos discretamente sem dar-lhes, entretanto, estímulos, mantemos o nosso diálogo ao nível das orientações da Doutrina, acompanhamos o médium e lhe recomendamos a reforma íntima e o estudo. Geralmente, as que têm ocorrido têm como instrumentos mais médiuns egressos de grupos envolvidos com as crenças e práticas afro-brasileiras. Com o tempo, elas acabam sumindo, depois que o médium se informa e adere ao seu novo campo de sintonia no exercício da mediunidade. Alguns não conseguem se adaptar às novas práticas mediúnicas e terminam deixando nossos trabalhos e voltando aos seus antigos núcleos. Com certeza, não estavam preparados para os novos encargos. Mas um dia chegarão lá conduzidos pelas mãos transformadoras da evolução, pela lei do progresso.

82. Como se comportar, contudo, nas situações em que essas entidades se apresentam como preto-velho, índio ou caboclo na condição de colaboradoras e até orientadoras de determinados núcleos de encarnados que se auto proclamam espíritas, mas não cumprem as orientações mediúnicas deixadas por Allan Kardec nas obras da Doutrina?

O Espírito Manoel P. de Miranda, no livro **Loucura e Obsessão**, narra a belíssima história de renúncia de Emerenciana, uma antiga fidalga dinamarquesa que, depois de insuflar a guerra e a morte, reencarna na África sofrida com o ex-marido e o ex-filho, para purgarem juntos na escravidão o passado de orgulho e prepotência. Aí, ainda jovens, foram traficados para o Brasil, situando-se na Bahia. O filho rebelde desencarna assassinado e, na erraticidade, se converte num vingativo **Exu**. Ela, aceitando a corrigenda, progride e termina em Pernambuco, separada forçosamente do marido. Voltando ao plano espiritual, volta-se mais uma vez para ajudar o filho, agora reencarnado em condições aflitivas de perturbação espiritual. Com esse objetivo e por gratidão às experiências dolorosas da escravatura que lhe valeram o progresso, ela assume a condição de mentora espiritual, junto a um médium, apresentando-se como entidade do sincretismo afro-brasileiro numa casa de atendimento caracterizada pela prática de todos os rituais correspondentes. Sobre seu primeiro contato com essa entidade, Manoel P. de Miranda descreve: "Depois de saudar-nos, utilizando-se de linguagem diferente (o grifo é nosso) daquela em que se expressara através da psicofonia, foi-nos apresentada pelo Dr. Bezerra". (A referência aqui é ao Espírito Bezerra de Menezes, que propiciava os estudos ao autor espiritual da obra). Ao final de algumas orientações psicofônicas que a mentora da Casa proporcionou através do médium, em linguagem típica, Manoel P. de Miranda concluiu que "as elucidações apresentadas, **apesar da linguagem forte** (grifo nosso), estavam perfeitamente concordes com os códigos da Doutrina Espírita e seguiram a linha do pensamento evangélico...." Nesses casos, se a entidade é esclarecida e apenas a forma exterior de conduzir a orientação é que difere, temos que considerar a estratégia utilizada para alcançar o nível de entendimento do grupo social em que o Espírito atua. E nesta história, é o próprio Dr. Bezerra de Menezes quem esclarece: "Os Espíritos, portanto, avançam conforme as motivações que os estimulam".

83. E como encarar as entidades que se apresentam como índios e se proclamam, às vezes, protetoras de determinados pessoas?

Allan Kardec nos informa, através de **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, no seu capítulo XXVIII, item 11, que, além do nosso Anjo-Guardião, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que são de ordem menos elevada, mas que nos assistem também com seus conselhos, etc. Eles estão entre os nossos amigos, parentes ou até pessoas que não conhecemos na existência atual. A este propósito, a médium Ivonne A. Pereira nos fala de uma entidade que a guardava às vezes dos Espíritos perseguidores, nos desdobramentos que ela tinha durante o sono. Era um índio

brasileiro, mas que lhe falava em linguagem normal como a dela. Por insistência da médium, ele se revelou seu parente noutras encarnações e, para surpresa dela, contou que fora antes civilizado em outras plagas de onde mantinha com ela ligações espirituais. Reencarnou como índio, no Brasil, como punição pela longa série de erros e infrações cometidas contra as leis de Deus. Segundo ele, ser banido para as matas é o equivalente ao banimento para mundos primitivos. A médium quis saber, então como explicar o fato de ele já ter sido um civilizado encarnado e conservar ainda hoje uma configuração indígena, tão primitiva. Não já seria tempo de corrigir os complexos mentais, ou a aparência indígena seria uma preferência às das antigas existências odiosas que o levaram ao banimento? Ele se explicou com outra pergunta: "Como parecer a mim mesmo ou a outrem com a personalidade de um déspota, um tirano, um celerado, um traidor?". É importante, portanto, o conhecimento aliado à experiência e à caridade, para superar contradições e dúvidas pela supremacia do bem. O tempo, a paciência e a sinceridade são técnicas infalíveis na elucidação da verdade.

84. Como o doutrinador deve conduzir médiuns que predizem tragédias ou que anunciam acontecimentos bombásticos a pretexto de prevenir pessoas e até instituições de experiências nefastas?

Deve evitar que as reuniões tomem esse rumo espetaculoso, geralmente impróprios para médiuns e instituições espíritas sérias. Qualquer mensagem de teor profético, seja ditada pelo Espírito que for e venha através do médium de maior respeitabilidade possível, deve ser analisada criteriosamente, mesmo porque as professias, como podemos constatar no **Livro de Jonas**, não são infalíveis. É preciso, portanto, muita cautela, submeter qualquer manifestação nesse campo da prEd. ao crivo da lógica e da razão para não cair na malha dos charlatães que estão a todo instante a anunciar desastres e tragédias que só servem para desacreditar as coisas sérias, suscitando o pânico e propagando a mentira. Por isso é que **O Livro dos Médiuns**, na questão 190, do Capítulo XVI (2a. Parte), diz a propósito dos chamados médiuns profetas: "Se há verdadeiros profetas, mais ainda os há falsos e que tomam os sonhos de sua imaginação por revelações, quando não são velhacos que, por ambição, se fazem passar como tais". E vejamos ainda o que diz **O Livro dos Espíritos**, no Livro III, Capítulo I, questão 624: "O verdadeiro profeta é um homem de bem inspirado por Deus. Pode-se reconhecê-los por suas palavras e por suas ações. Deus não pode se servir da boca do mentiroso para ensinar a verdade".

85. Como encaminhar os Espíritos que manifestam pavor da morte?

No capítulo 48 do livro **Os Mensageiros**, sob o título "Pavor da Morte", André Luiz narra uma cena que presenciou no interior de um necrotério: "O cadáver de uma jovem com menos de 30 anos ali jazia gelado e rígido, tendo ao seu lado uma entidade masculina, em atitude de zelo. Parecia recolhida a si mesma, sob forte impressão de terror. Cerrava as pálpebras, deliberadamente, receosa de olhar em torno." Havia uma outra entidade desencarnada junto dela, apontada como seu ex-noivo, que lhe chamava pelo nome tentando desvencilhá-la, há mais de seis horas depois de feito o desligamento. Mas ela fechava os olhos, tomada de terror, para não vê-lo. Foi que o instrutor Aniceto interveio sugerindo ao ex-noivo que não convinha se fazer visível a ela que não poderia revê-lo, naquelas circunstâncias, sem experimentar terrível comoção. Em seguida, aproxima-se dela e lhe fala exatamente como um doutrinador deve abordar qualquer Espírito que se manifeste em idêntica situação de pavor: — **Vamos, Cremilda, ao novo tratamento.** Ouvindo-o, a moça abriu os olhos espantadiços e exclamou: — **Ah, doutor, graças a Deus! que pesadelo horrível! Sentia-me no reino dos mortos, ouvindo meu noivo, falecido há anos, chamar-me para a Eternidade!... — Não há morte, minha filha! —** objetou Aniceto, afetuoso — **creia na vida, na vida eterna, profunda, vitoriosa! — É o senhor o novo médico?** — indagou, confortada. — Sim, fui chamado para aplicar-lhe alguns recursos em base magnética. Torna-se indispensável que durma e descanse. A jovem dormiu quase imediatamente. Aniceto, bondoso, afastou-a dos despojos e a entregou ao ex-noivo para encaminhá-la convenientemente. E depois comentou: — **Como vêem, a idéia da morte não serve para aliviar, curar ou edificar verdadeiramente. É necessário difundir a idéia da vida vitoriosa".**

86. Como atender os Espíritos que se apresentam nas sessões como crianças, como se

estivessem desamparadas chorando e chamando pela mãe, com a mesma linguagem, idênticas aflições e preocupações comuns às dos seres da sua idade, com os quais nos defrontamos a toda hora aqui mesmo encarnados na Terra?

Vamos seguir aqui, num primeiro enfoque, a orientação de Herculano Pires, em **Obsessão, O Passe, A Doutrinação**: "Nos casos de crianças desamparadas que chamam pela mãe o quadro é tocante, emocionando as pessoas sensíveis. Mas a verdade é que essas crianças estão assistidas". E aqui fazemos um rápido parêntesis para lembrar que Emmanuel Swedenborg, um dos precursores do Espiritismo, já revelava sobre as crianças no Mundo Espiritual: "As crianças são bem recebidas no Outro Mundo, sejam ou não batizadas. Aí elas crescem e são adotadas por mulheres jovens, até que lhes apareçam suas mães verdadeiras". O trecho sublinhado por nós é para chamar a atenção para a informação, hoje amplamente confirmada e difundida pelo Espiritismo, segundo a qual as crianças mortas continuam crescendo e desenvolvendo no Plano Espiritual. Quanto à sua adoção por mulheres jovens, como já detalhava Swedenborg, convém citar aqui também a experiência do Espírito Cláudia Pinheiro Galasse, desencarnado aos 19 anos, que teve como tarefa inicial cuidar de crianças desencarnadas com até dois anos, num educandário no Mundo Espiritual. No livro **Escola no Além**, que ela escreveu através de Chico Xavier, Cláudia revela detalhes da assistência às crianças e diz textualmente: "Estou feliz porque estou aprendendo a amar os filhinhos de lares alheios quais se fossem nossos familiares". Então, voltando a Herculano Pires, vejamos o que ele recomenda ao doutrinador nesses casos: "Tratados com amor e compreensão, esses Espíritos logo percebem a presença de entidades que na verdade já as socorriam e as levaram à sessão para facilitar-lhes a percepção do socorro espiritual antes não percebido por motivos diversos: a incapacidade de compreender por si mesmas a situação, a completa ignorância do problema da morte em que foram mantidas ou conseqüências do passado reencarnatório em que abandonaram as crianças ao léu, ou mesmo em que as mataram". Nessas condições, segundo nos esclarece ainda Herculano Pires, a reação moral da Lei de Causa e Efeito as obriga a passar pelas mesmas situações a que submeteram outros seres em vida anterior". Tratá-los, portanto, com amor e compreensão, como orienta Herculano Pires, significa falar-lhes como se fala a uma criança encarnada que surpreendamos juntos de nós, em idêntica situação: acolhê-la, consolando-a, dizendo-lhe que tudo está bem, que a mamãe não desapareceu, que ela está sendo protegida, que tem pessoas amigas cuidando dela, tentando enfim confortá-la através de uma psicologia adequada, fundada no amor e no bom-senso.

87. E quanto às manifestações de Espíritos na condição de crianças que se apresentam em quadros obsessivos junto de crianças encarnadas, sugerindo-lhes posturas agressivas, proezas diversas, brincadeiras extravagantes, com fim premeditado de conduzi-las a acidentes fatais, ou até mesmo ao suicídio?

A obsessão na infância é uma realidade. Estão por toda parte e em todas as épocas. É muito conhecido, no Evangelho, a passagem em que Jesus expulsa um Espírito que atormentava um menino: "Senhor, tem piedade de meu filho, que é **lunático** e sofre muito: cai ora no fogo, ora na água..." , queixa-se um homem ao Mestre, apresentando o menino que os apóstolos tinham, em vão, tentado curar. Grifamos a palavra lunático, usada para designar pessoas desequilibradas, sob influência da Lua, doidas, maníacas, visionárias. Mas vamos a uma situação mais local: Carlos Bernardo Loureiro fala, em **A Obsessão e seus Mistérios**, de uma menina de cinco anos que conversava com um Espírito que se apresentava também como menina, sob o nome de Lene. A entidade sugeria à garota pular do alto do sobrado onde brincavam, que ela a apararia embaixo. Na verdade, ela estava induzindo a criança ao suicídio. Apavorada, depois que a filha lhe contou que ainda não havia pulado porque tinha muito medo de se ferir, a mãe correu com a menina para os psicólogos e psiquiatras imaginando que a criança estivesse sofrendo de distúrbios mentais. A coisa piorou, obrigando a mãe, em pânico, a recorrer ao Espiritismo. Não foi fácil atrair a entidade às sessões de desobsessão, até que ela cedeu, revelando-se um Espírito sofrido, cheio de mágoas, traumatizado, obcecado por incontido desejo de vingança. Sua vítima, no caso a menina que induzia ao suicídio, fora seu desafeto noutra existência e escapara da justiça dos homens por tráfico de influência, em virtude do poder de que desfrutava na sociedade em que ambos, obsessão e obsidiado, viveram. Conta Loureiro que a melhor estratégia para convencer o obsessão foi respeitá-lo, levando em consideração as suas idéias, embora torpes, com que tentava impor

como legítimo o fato de estar procurando fazer justiça com as próprias mãos.

88. E qual a orientação quando a entidade que se manifesta como criança se inclui entre os Espíritos protetores, guias espirituais ou membro de falanges de socorristas espirituais?

Mais uma vez recorremos à opinião respeitável do professor Herculano Pires, que se referindo diretamente a este aspecto por demais delicado das manifestações espíritas, recomenda textualmente: "Quanto às manifestações de crianças que são consideradas como Espíritos pertencentes a legiões infantis de socorro e ajuda, o doutrinador não deve deixar-se levar por essa aparência, mas doutrinar o Espírito para que ele retome com mais facilidade a sua posição natural de adulto, o que depende apenas de esclarecimento doutrinário." Ele se refere ainda às correntes de crianças que se manifestam nas linhas de Umbanda e noutras formas do mediunismo popular, que estão, na sua opinião, em condições de ser encaminhadas como Espíritos adultos no Plano Espiritual. "Se lhes dermos atenção, continuarão a manifestar-se dessa maneira, entregando-se a simulações que, embora sem intenções malévolas, prejudicam a sua própria e necessária reintegração na vida espiritual de maneira normal". E adverte: "Esses Espíritos apegados à forma carnal em que morreram (como crianças) entregam-se a fantasias e ilusões que lhes são agradáveis, mas que ao mesmo tempo os desviam de suas obrigações de após morte". Esta não deve ser uma regra, porque a diversificação, as nuances infinitas do Mundo Espiritual não comportam regras, mas um roteiro que pode ser mudado de acordo com as circunstâncias e o bom-senso. Não será este, certamente, o tratamento que o doutrinador deverá dispensar a Espíritos que, por uma circunstância especial, conservam as suas aparências infantis. O Espírito Irmão Jacob, por exemplo, nos dá notícias, na sua obra *Voltei*, psicografada por Chico Xavier, dos Escoteiros do Heroísmo Espiritual, Espíritos de excepcional adiantamento moral e que fazem parte de caravanas em missão de socorro a adultos e crianças desencarnadas. Em **Colônias Espirituais**, Lúcia Loureiro nos diz que "muitas dessas crianças se tornam mentoras dos próprios pais". Têm ainda os casos de reuniões de desobsessão em que os Espíritos mentores utilizam outros com características perispirituais infantis para sensibilizar obsessores embrutecidos. Mostram, por exemplo, a pais vingadores filhos pequeninos deles separados apenas pelas vibrações do ódio nos seus propósitos cristalizados de vingança contra antigos algozes. A orientação do professor Herculano Pires, todavia, permanece como altamente válida também para os que se manifestam nas sessões como crianças, alegando de forma aparentemente ingênua e melíflua que não querem fazer mal, mas apenas brincar com as crianças encarnadas que acompanham. Que elas vão brincar nos parques das instituições educativas do Mundo Espiritual com outros amiguinhos em tratamento.

89. E quando os Espíritos se apresentam condicionados como debilídeos, loucos, exibindo defeitos, limitações físicas, ou ainda formas larvares ou animalescas?

De volta à erraticidade, os Espíritos não rompem de imediato com as aptidões, vícios e inibições que o caracterizaram na experiência física. Como desencarnado, o Espírito continuará exibindo e experimentando as mesmas limitações e condicionamentos de sua existência carnal, por mais ou menos tempo, dependendo do seu grau de evolução, do preparo espiritual. Assim, continuam com seus defeitos físicos, suas limitações psíquicas, as antigas enfermidades, os mesmos desequilíbrios, vícios e imperfeições, até que, assistidos por benfeitores e tratados em instituições espirituais apropriadas, tenham superadas suas inaptações e se vejam, finalmente, reintegrados à vida normal do Outro Mundo. Ora, nesse período de readaptação à erraticidade, eles poderão se manifestar nas sessões de desobsessões como recurso de orientação e esclarecimento. O professor Herculano Pires é de acordo que esses seres "sejam chamados à razão" pelo doutrinador. E justifica sua orientação esclarecendo que esses Espíritos são da classe dos que "se entregam comodamente à lei de inércia, querendo continuar indefinidamente como eram na sua encarnação". Ele aconselha que o doutrinador não deve contemporizar com essas situações, devendo empregar todos os meios para retirá-lo da acomodação, induzindo-os à reflexão e ao exame de suas responsabilidades na recomposição da própria caminhada evolutiva, utilizando-se dos imensos recursos que a Providência Divina lança em profusão ao alcance de todas as almas.

90. Mas o Espírito de um louco pode também se manifestar, em alguma reunião, sem a loucura?

A questão 375, do Livro II, Capítulo VII, de **O Livro dos Espíritos**, nos remete ao seguinte raciocínio: "O Espírito, no estado de liberdade, recebe diretamente suas impressões e exerce diretamente sua ação sobre a matéria; encarnado, porém, encontra-se em condições muito diferente e na contingência de só o fazer com a ajuda dos órgãos especiais". Conclusão, portanto: se não é o Espírito que é louco, mas, sim, as distorções do seu cérebro que o levam a se comportar como tal, é claro que gozando da liberdade, ou seja, sem as restrições que lhe impõe o cérebro lesado, ele terá condições de se manifestar sem a loucura; como o cego, sem a cegueira; o surdo, sem a surdez; o mudo, sem a mudez. E a **Revista Espírita** nos dá exemplos dessa natureza de manifestações, inclusive com um idiota encarnado que, evocado, comparece à reunião e fala normalmente de suas limitações de encarnado. Mas é ainda **O Livro dos Espíritos** que nos adverte na mesma questão: como a matéria reage também sobre o Espírito, transmitindo-lhe, via perispírito, as impressões e sensações, "pode acontecer que com o tempo, quando a loucura durou bastante, a repetição dos mesmos atos acabe por ter sobre o Espírito uma influência da qual não se livra senão depois de sua completa separação de todas as impressões materiais". É por isso que temos, às vezes nas sessões, Espíritos que se manifestam como se fossem realmente loucos, sem ligar nada com nada, dominados pelas mesmas limitações de quando estavam encarnados. Com a continuidade das reuniões, eles vão sendo esclarecidos até se reencontrarem finalmente.

91. Como distinguir a loucura patológica (decorrente de lesão cerebral) da loucura produzida por obsessão (influência espiritual inferior)?

Na primeira, existe a lesão no órgão físico. Na segunda, não existe a lesão. Todavia, as reações e apresentações dos atos são idênticas. No caso da loucura obsessional, é o próprio perispírito que se acha afetado pela subjugação de um Espírito estranho que domina o Espírito do enfermo. Entretanto, se ela for prolongada, poderá provocar a lesão orgânica e aí se converter em loucura real patológica. Estas são as explicações de Luiz Schvartz, em **Obsessão - Estudo Introductório**. Ele explica que a distinção entre uma e outra pode ser conseguida através da mediunidade (consulta aos Espíritos), ou mesmo pelos resultados de encefalogramas, radiografias, tomografias mostrando se há ou não lesão cerebral. Eis um caso típico de loucura por obsessão narrado na obra **A Obsessão**, que reúne informações da Revista Espírita editada por Allan Kardec: "A obsidiada tinha 22 anos; gozava de saúde perfeita. De repente foi acometida de um acesso de loucura. Os pais a trataram com médicos, mas inutilmente, pois o mal, em vez de desaparecer, tornou-se mais e mais intenso, a ponto de, durante as crises, ser impossível contê-la. A conselho dos médicos, os pais obtiveram sua internação num hospício de alienados, onde seu estado não apresentou qualquer melhora". Levada a uma sessão de Espiritismo, obteve-se precisamente a informação dos guias espirituais de que a jovem estava subjugada por um Espírito muito rebelde. Evocado oito dias seguidos, ele terminou mudando as disposições, renunciando, finalmente, a sua vítima. A jovem ficou totalmente curada. O Dr. Bezerra de Menezes, no seu livro **A Loucura sob Novo Prisma**, diz que não é fácil fazer-se essa distinção entre loucura real e loucura obsessional, "porque quem vê um louco vê um obsidiado, tanto que até hoje se tem confundido um com o outro". Ele cita as muitas experiências que teve com fatos dessa natureza, inclusive com um filho, para sugerir ao final que o método que seguiu "sempre com resultado" foi o da consulta mediúnica a um Espírito. De qualquer modo, temos que considerar a dedicação, a vivência e a intuição como recursos providenciais para um diagnóstico à primeira vista, caso não haja meios seguros para a consulta mediúnica. No próprio **GEPE**, tivemos algumas experiências próximas com pacientes totalmente recuperados sem a intervenção de psiquiatras. Um dado forte, que contribuiu muito para o êxito do tratamento de três meses, foi a participação em peso de toda a família do paciente.

92. Como tirar o Espírito comunicante de uma idéia fixa?

Se o Espírito demonstra que está dominado por uma idéia fixa, ou seja, andando em círculo sem conseguir sair dele, o médium esclarecedor deve tomar a iniciativa de tentar quebrar esse monólogo. Há

casos em que a entidade repete de tal forma o objeto causa da sua fixação mental que não consegue nem ouvir o doutrinador. É como se fosse um disco emperrado, alguém com todas as suas atenções centradas numa única preocupação da qual não consegue se libertar. Cabe ao doutrinador fazer perguntas oportunas e com interesse fraterno, tentando chamar a atenção do Espírito para algo diferente, ou entrar no seu tema para logo puxá-lo para outros ângulos ou assuntos que possam atrair seu interesse e descongestionar o seu campo mental. Num dado momento, no **Grupo Espírita Paulo e Estêvão**, o doutrinador tentava convencer um Espírito de que não lhe interessava mais a farda que desaparecera em combate e que ele tentava reaver desesperadamente aos gritos: — **Eu quero a minha farda! Eu quero a minha farda!...** De nada valia o esforço de esclarecimento do doutrinador, porque o Espírito continuava gritando que queria a farda, não podia ficar sem a farda. Foi aí que um dirigente militar pediu permissão ao doutrinador, tomou-lhe a palavra e se voltou, solícito e com firmeza, para a entidade dizendo-lhe: — **Você está com a razão, meu amigo... um militar não pode ficar sem a farda!** E concluiu, incisivo: — **Está aí a sua farda...** está tudo bem, agora. A entidade acalmou-se, dando a idéia de contentamento, e passou a ouvir o doutrinador. Quer dizer: não adianta teimar com o Espírito fixado numa idéia. É preciso, primeiro, removê-lo da fixação, para tentar, então, o diálogo esclarecedor.

93. Como encaminhar o diálogo com um Espírito que se julga protetor de determinados pacientes, sem que na verdade o seja?

Nesses não há maldade, propriamente falando. Há mais ignorância quanto ao seu verdadeiro estado. Eles acreditam que estão ajudando as pessoas às quais se mantem vinculados, geralmente por parentesco, mas involuntariamente estão é prejudicando-as. Compete ao doutrinador examinar esses quadros com segurança e chamar esses Espíritos à realidade que ainda ignoram. Considerar justas e nobres suas intenções, fazendo-os ver, porém, a necessidade, primeiro, de se melhorarem para ter condições reais de ajudar a pessoa ou pessoas pelas quais demonstram afeição, se assim for permitido pelos Espíritos superiores. Por enquanto, deverão se ater ao tratamento de si próprios, se é que são, de fato, ignorantes de sua verdadeira situação. Se forem Espíritos embusteiros, mistificadores, terão de ser desmascarados e chamados a reformular a conduta moral. Aí entra outra psicologia de doutrinação já abordada noutros itens deste trabalho.

94. Que orientação o doutrinador deve dar a esses Espíritos que se dizem sofrendo porque não pagaram promessas a santos feitas em vida, que pedem para mandar celebrar missas, acender velas, rezar ofícios ou queimar incensos, etc.?

O médium Divaldo Franco comenta, em **Diretrizes de Segurança**, ser inevitável que muitos Espíritos, que são as almas dos homens e que estavam habituados às tradições dos cultos externos, rituais e místicas a que se afeiçoaram nas experiências religiosas, retornem do além-túmulo fazendo esses pedidos e recomendações absurdas quanto a uma aparente necessidade dessas manifestações de crenças baseadas nos dogmas e fórmulas exteriores. Allan Kardec formulou aos Espíritos codificadores a seguinte pergunta na questão 553 de **O Livro dos Espíritos**: "Qual pode ser o efeito das fórmulas e práticas com ajuda das quais certas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos". Resposta dos Espíritos: "... Todas as fórmulas são enganosas; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum sinal cabalístico, nenhum talismã que tenha uma ação qualquer sobre os Espíritos, porque estes são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais". Por isso, conclui Divaldo Franco, seguindo o raciocínio inicial da sua abordagem em **Diretrizes de Segurança**: "Qualquer manifestação de culto externo, por desnecessária, é de segunda ordem, não merecendo maior consideração no que tange à educação mediúnica". Nós achamos, assim, que o doutrinador não deve alimentar essas ilusões no Espírito inconsciente, mas antes persuadi-lo quanto aos deveres e responsabilidades do verdadeiro crente, mas isso o fazendo fraternalmente e não com o sentimento de presunção, nem de querela, nem de imposição.

95. E quando o Espírito comunicante receita para o paciente que está sendo tratado na desobsessão banhos de sal, chás extravagantes, xaropes e práticas estranhas, como o doutrinador deve recebê-las?

Com muita cautela, uma vez que esse tipo de orientação apenas demonstra tratar-se de entidade sem maiores conhecimentos, ainda apegada a crenças e superstições que estão na base da sua cultura sócio-religiosa. Por ingênua ignorância ou maldade mesmo, há Espíritos que se aproveitam dessas sessões para continuar iludindo os homens sobre as chamadas "curas milagrosas", ritos e práticas bizarras que atendem plenamente àquelas pessoas que preferem as fórmulas mágicas — o uso por exemplo da água benta, a recitação de oblatos sacramentados — ao racional dever de se melhorarem pelo esforço digno e o combate sem trégua às suas imperfeições. "O homem procura sempre soluções milagrosas para suas aflições, para suas angústias ou dificuldades físicas, esquecidos de que tais efeitos decorreram de suas ações nesta ou noutra vida"— adverte-nos um trecho do **Curso de Educação Mediúnica** (Edições FEESP). E acrescenta que, por ser o homem imediatista, tem ele às vezes uma visão infantil de Deus, acredita que Deus faz concessões sobrenaturais, não conseguindo visualizar a diferença fundamental entre a verdade das Leis Divinas e as suas crenças interesseiras. Tanto as entidades como os encarnados que se prendem a essas práticas precisam do esclarecimento. Temos aí a necessidade de uma dupla doutrinação.

96. Como o doutrinador deve tratar os Espíritos que se identificam como padres, freiras, pastores e outros tipos de religiosos que se ocupam unicamente de combater o Espiritismo, mantendo a mesma postura de quando eram encarnados?

Vamo-nos socorrer mais uma vez das luzes deixadas pelo professor Herculano Pires em suas obras. Em Santos, Diabos e Cléricos, Capítulo IV de **Obsessão, o Passe, a Doutrinação**, ele diz que quanto aos Espíritos de padres, freiras, frades e outros clérigos que se apresentam mais insistentes nas reuniões, querendo discutir sobre interpretações evangélicas, "o melhor que se pode fazer é convidá-los a orar a Jesus. Embora manhosos, são Espíritos necessitados de ajuda e esclarecimento. Com sinceridade e amor, são facilmente doutrináveis". E prossegue nas suas orientações: "Mais raras são as manifestações de pastores protestantes e de rabinos judeus, mas também ocorrem. Manifestam-se sempre demasiadamente apegados à letra dos textos bíblicos e evangélicos. Inútil entrar em discussão com eles. Tratados com amor e sinceridade acabam retirando-se e já entregues a antigos companheiros de profissão, já esclarecidos, que geralmente os trouxeram à sessão mediúnica para aproveitar as facilidades do ambiente". Nós mesmos da Mediúnica do **Grupo Espírita Paulo e Estêvão**, temos testemunhado muitas manifestações de religiosos que terminaram inclusive se integrando aos trabalhos espirituais da Casa. Muitos deles revelam depois nomes de superiores, que jamais imaginávamos, como sendo os Espíritos de religiosos que os trouxeram ao esclarecimento: são padres, bispos, frades e freiras. "Nossa função nas sessões"— orienta Herculano Pires — "é ajudar essas criaturas a se libertarem do passado, integrando-se na realidade espiritual que não atingiram na vida terrena, enleados nos enganos e nas ilusões de falsas doutrinas".

97. E qual a atitude a assumir diante da visita de outros Espíritos que se proclamam Santos e que ali estão para ajudar as pessoas com velhas promessas do céu beatífico e da salvação pela fé cega?

Da mesma maneira como agem geralmente os Espíritos de religiosos, outros Espíritos comparecem a essas reuniões se anunciando santos e condenando sempre as práticas espíritas. Aqui, o doutrinador deve ter habilidade suficiente para saber distinguir dos Espíritos brincalhões e mistificadores as entidades ainda realmente apegadas aos seus títulos e hábitos religiosos. Os supostos santos usam uma linguagem melíflua, dando a idéia de falsa bondade, para iludir os incautos. Basta o doutrinador lembrar-lhes que se eles fossem realmente santos não estariam preocupados em combater as sessões mediúnicas sérias, envolvidas unicamente com a caridade e a prática dos ensinamentos de Jesus. Aconselhamos o professor Herculano Pires a não perdermos muito tempo com eles, mostrando-lhes que eles é que estão no mau caminho e que nada vão conseguir com suas manhas. Muitas dessas entidades, que precisam também de esclarecimento, se proclamam mensageiras de Nossa Senhora, de São Francisco e do próprio Jesus Cristo, vivenciando ainda as mesmas ilusões que cultivaram em suas experiências religiosas. Fora delas, há os Espíritos brincalhões e mistificadores que não perdem oportunidade para impressionar as pessoas excessivamente crédulas.

98. Quanto às entidades que se exibem como Diabos, não só ameaçando as sessões, como também prometendo demonstrações de força e poder?

Esses Espíritos costumam se manifestar sempre de forma grotesca, procurando fazer estardalhaço, ameaçando e roncando como bicho. São mais fanfarrões do que mesmo perversos. "Com paciência e calma, mas sem lhes dar trelas, o doutrinador não terá dificuldade em afastá-los". Sabemos que nos planos inferiores da Espiritualidade, os Espíritos encontram situações favoráveis à continuidade de suas atividades terrenas, mas a doutrinação tem o duplo poder da verdade e do amor, a que eles não podem resistir por muito tempo. Cabe ao doutrinador compreender bem esses problemas, lendo e estudando as obras doutrinárias e se fortalecendo moralmente para melhor ajudá-los na libertação definitiva de todos esses condicionamentos. E como insiste o professor Herculano Pires: "A doutrinação espírita equilibrada, amorosa, modifica a nós mesmos e aos outros, abre as mentes para a percepção da realidade real que nos escapa quando nos apegamos à ilusão das nossas pretensões individuais, geralmente mesquinhas". A verdade é que, como diz ainda Herculano Pires, "o trabalho maior é realizado pelos Espíritos incumbidos dessas tarefas no Mundo Espiritual".

99. O dirigente deve prolongar uma sessão mediúnica quando nenhuma comunicação se recebe dentro do horário normal, mesmo contando com médiuns desenvolvidos e bem educados?

Que deve prolongar não é bem o termo, porque quando se fala deve se imaginar logo uma obrigatoriedade. E o dirigente da sessão não é obrigado a prolongá-la em nenhuma circunstância, mas a conduzi-la com equilíbrio para produzir os resultados benéficos a que ela se destina. A razão, segundo o professor Herculano Pires, é o método utilizado pela Doutrina Espírita. O que for racional, portanto, numa atividade mediúnica, nada tem a temer. Se o bom senso indica que uma sessão mediúnica deve ser prolongada por necessidade real dos trabalhos, e nunca para atender a interesses particularizados ou a curiosidades não recomendáveis, o dirigente pode prolongá-la além do horário habitual, desde que não se torne isso uma rotina. Aliás, o próprio capítulo das sessões espíritas, na segunda parte de **O Livro dos Médiuns**, fala apenas do horário fixado para o início das reuniões no Regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, embora esteja implícito que tudo que tem um horário para começar deve tê-lo também para terminar. É parte do processo de organização de qualquer atividade a distribuição racional do tempo, pois assim como as pessoas responsáveis, os Espíritos superiores não podem ficar a mercê dos nossos caprichos e das conveniências especificamente humanas. E André Luiz, sobre a pontualidade nas sessões de desobsessão, diz: "A hora de início das tarefas precisa mostrar-se austera, entendendo que o instante do encerramento é variável na pauta das circunstâncias". O mais estranho mesmo na pergunta não é ter que se adiar o término da sessão, mas ter que adiar por não terem os médiuns recebido qualquer comunicação no período normal dos trabalhos. Aí é que deve ter alguma coisa errada que a Casa Espírita precisa imediatamente avaliar para corrigir, apesar de sabermos que nem todos os Espíritos que são evocados podem atender naquele horário e que uma reunião nem sempre é suficiente para encerrar um problema, que pode perfeitamente ter seqüência noutra ou em várias outras reuniões. "Para comer o pão da verdade só necessitamos dos dentes do bom-senso", ensina ainda o professor Herculano Pires. A título ainda de informação, vejamos esta outra orientação de André Luiz no mesmo livro **Desobsessão**: "Terminada a prece final, o diretor, com uma frase breve, dará a reunião por encerrada e fará no recinto a luz plena. Vale esclarecer que a reunião pode terminar antes do prazo de duas horas, a contar da prece inicial, evitando-se exceder esse limite de tempo." Como vemos, os Espíritos nos oferecem a melhor orientação a respeito do encerramento da sessão mediúnica, deixando conosco, porém, o dever de discernir.

100. As sessões mediúnicas só podem ser realizadas em recintos fechados e totalmente escuros?

Em recintos fechados sim, mas totalmente escuros não. Quanto a recintos fechados, é porque esse tipo de reunião requer recolhimento, meditação e profundo silêncio, o que se torna impossível num

ambiente aberto. Mas vamos às instruções do professor J. Herculano Pires, no Capítulo VII da sua obra **Mediunidade**: "Há pessoas que desejam fazer sessões à plena luz, por entender que a penumbra habitual dá motivo a desconfianças e representa uma modalidade de formalismo. Mas a penumbra é necessária à boa concentração dos médiuns e mesmo dos assistentes. A iluminação normal da sala provoca distrações, penetra nas pálpebras e quebra o ambiente de recolhimento. Claro que não se deve fazer o escuro excessivo e muito menos completo, mas a penumbra do ambiente não é um aparato formal, é uma exigência natural da concentração serena. Além dessas razões evidentes, convém lembrar que o excesso de luz exerce influência inibitória sobre os médiuns e a emanação fluídica do ectoplasma." Como na Doutrina Espírita não há posições radicais e definitivas, as orientações do professor Herculano Pires sobre esse aspecto das sessões em recinto fechado não significam que elas não possam, eventualmente e por uma circunstância justificada, realizar-se em ambiente público e sob plena luz, uma vez que os Espíritos superiores não se preocupam com as formalidades, mas exclusivamente com o fundo e o sentido justo da assistência em qualquer setor. Todavia, a organização e a disciplina são recursos inerentes à qualidade e eficácia dos trabalhos. Assim sendo, as sessões em ambiente público, com a presença de pessoas estranhas ou mesmo dos enfermos encarnados em tratamento, têm ainda como inconvenientes a curiosidade dos assistentes, o risco de ficarem impressionados com as ameaças dos obsessores e de tomarem conhecimento sem a devida preparação de fatos grotescos relacionados com as vidas pretéritas dos pacientes, ou que sejam tornadas públicas experiências já vividas nesta existência. Também tem que se respeitar o obsessor em sua situação de desequilíbrio por um princípio básico da Doutrina que tem por fundamento a moral de Jesus — a caridade. Por tudo isto é que as sessões espíritas de desobsessão são realizadas em recinto fechado e sob penumbra, de preferência na Casa Espírita. Aí há uma preparação toda especial, como nos informa Bezerra de Menezes, através da mediunidade de Yvonne A. Pereira, em Dramas da Obsessão: "As vibrações disseminadas pelos ambientes de um Centro Espírita, pelos cuidados de seus tutelares invisíveis; os fluidos úteis, necessários aos variados quão delicados trabalhos que ali se devem processar, desde a cura de enfermos até a conversão de entidades desencarnadas sofredoras e até mesmo a oratória inspirada pelos instrutores espirituais, são elementos essenciais, mesmo indispensáveis a certa série de exposições movidas pelos obreiros da Imortalidade a serviço da Terceira Revelação".

Bibliografia

1. Bíblia Sagrada
2. KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos** – Rio de Janeiro – RJ, Editora FEB 41ª Ed. 1997.
3. KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns** - Rio de Janeiro – RJ, Editora FEB 62ª Ed. 1997.
4. KARDE, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo** – Rio de Janeiro – RJ, Editora FEB 113ª 1997.
5. KARDE, Allan. **O Céu e o Inferno** – Rio de Janeiro –RJ Editora FEB 41ª Ed. 1997.
6. KARDEC, Alan. **A Gênese** – Rio de Janeiro- RJ Editora FEB 37ª Ed. - 1997
7. KARDEC, Allan. **Obras Póstumas** – Araras – SP Editora IDE, 2ª Ed. 1997.
8. KARDEC, Allan, **Obsessão** -
9. XAVIER, Francisco Cândido. **Nosso Lar** – (Espírito André Luiz) Rio de Janeiro – RJ Editora FEB 45ª Ed. 1996
10. XAVIER, Francisco Cândido. **Os Mensageiros** (Espírito André Luiz) Rio de Janeiro – RJ Editora FEB, 5ª Ed. 1987.
11. XAVIER, Francisco Cândido. **Missionários da Luz** -(Espírito André Luiz) Rio de Janeiro – RJ Editora FEB, 20ª Ed. 1987.
12. XAVIER, Francisco Cândido. **Entre a Terra e o Céu** – (Espírito André Luiz) Rio de Janeiro RJ Editora FEB 5ª Ed. 1972.
13. XAVIER, Francisco Cândido. **Ação e Reação** – (Espírito de André Luiz) Rio de Janeiro RJ, Editora FEB 4ª Ed. 1972.

14. XAVIER, Francisco Cândido. **Nos Domínios da Mediunidade** (Espírito André Luiz) Rio de Janeiro RJ, Editora FEB 7ª Ed. 1972.
15. XAVIER, Francisco Cândido. **Desobsessão** – (Espírito de André Luiz) Rio de Janeiro- RJ, Editora FEB 3ª Ed. 1975.
16. XAVIER, Francisco Cândido. **Conduta Espírita** (Espírito de André Luiz) Rio de Janeiro -RJ, Editora FEB 8ª Ed. 1981.
17. XAVIER, Francisco Cândido. **Mecanismos da Mediunidade** (Espírito André Luiz) Rio de Janeiro -RJ, Editora FEB 8ª Ed. 1981.
18. XAVIER, Francisco Cândido. **Libertação** - (Espírito de André Luiz) Rio de Janeiro– RJ, Editora FEB 14ª Ed. 1990.
19. SCHUBERT, Suely Caldas. **Obsessão Desobsessão** – Rio de Janeiro RJ, Editora FEB 1ª Ed., 1981.
20. TAMASSIA, M. B. **Você e a Mediunidade** – Matão –SP, Editora O Clarim 2ª Ed. Jan. 1987.
21. AZEVEDO, Geraldo – CALAZANS, Nilo – FERRAZ, José. **Projeto Manoel P. de Miranda** Salvador – BA, Editora Alvorada 2ª Ed. 1994.
22. LOUREIRO, Carlos Bernardo. **A Obsessão e seus Ministérios**. Salvador –BA Editora Mnênio Túlio 2ª Ed. 1995.
23. CUIN Waldir Aparecido. **Perguntando e Aprendendo** (Entrevistas)
24. USE. **Subsídios para Atividades Doutrinárias** - Série A-1.
25. ROQUE Jacinto **Doutrinação** – São Paulo SP Editora Luz no Lar, 11ª Ed.
26. BARCELLI, Carlos A. **Mediunidade e Doutrina** (Espírito Odilon Nunes) São Paulo SP, Editora IDE 3ª Ed. 1990.
27. BARCELLI, Carlos A. **ABC da Mediunidade** - (Espírito Odilon Nunes) São Paulo SP, Editora IDE 3ª Ed. 1990.
28. BARCELLI, Carlos A. **Mediunidade e Evangelho** - (Espírito Odilon Nunes) São Paulo SP, Editora IDE 3ª Ed. 1990.
29. BARCELLI, Carlos A. **Somos Todos Médiuns** - (Espírito Odilon Nunes) São Paulo SP, Editora IDE 3ª Ed. 1990.
30. AKSAKOF, Alexandre. **Animismo e Espiritismo** – Rio de Janeiro –RJ, Editora FEB, 3ª Ed.,1978.
31. XAVIER, Francisco Cândido. **Fonte Viva** – (Espírito de Emmanuel) Rio de Janeiro –RJ, Editora FEB, 21ª Ed..
32. DENIS, Léon. **No Invisível** – Rio de Janeiro –RJ, Editora FEB, 17ª Ed. 1996
33. XAVIER, Francisco Cândido. **Reportagens de Além-Túmulo** – (Pelo Humberto de Campos)

34. NETO, Aureliano Alves – MARTINS Celso – RODRIGUES Antonio F. **Caboclos, Índios, Pretos-Velhos e Outros Assuntos** -
35. BEZERTA, Menezes. **A Loucura sob Novo Prisma** Rio de Janeiro –RJ, Editora FEB 9ª Ed. 1996.
36. FRANCO, Divaldo Pereira. **Loucura e Obsessão** (Espírito Manoel P. de Miranda) Rio de Janeiro –RJ, Editora FEB, 1ª Ed. 1990.
37. FRANCO, Divaldo Pereira. **Palavras de Luz**
38. IMBASSAHY, Carlos Brito. **Quem Pergunta Quer Saber** - São Paulo, Editora Petit, 3ª Ed. 1993.
39. PEREIRA, Ivonne A **Recordações da Mediunidade** – Rio de Janeiro – RJ, Editora FEB
40. MIRANDA, Manoel Philomeno. **Vivência Mediúnica** – Salvador –BA Editora Alvorada 2ª Ed. 1994.
41. MIRANDA, Hermínio C. **Diversidade dos Carismas - Teoria e Prática da Mediunidade**. Rio de Janeiro –RJ, Editora FEB
42. MIRANDA, Hermínio C. **Diálogo com as Sombras** – Rio de Janeiro –RJ, Editora FEB 10ª Ed. 1997.
43. Reuniões Mediúnicas - Coleção Estudos e Cursos - Centro Espírito Allan Kardec, Campinas - SP.
44. SCHUTEL, Caibar **Médiuns e Mediunidades** Matão –SP, Editora O Clarim 8ª Ed. 1984.

45. SCHUTEL, Caibar **Conversando sobre Mediunidade** - Matão –SP Editora O Clarim
46. FRANCO, Divaldo Pereira- TEIXEIRA, Raul. **Diretrizes de Segurança** – Niterói -RJ Editora Frater, 1ª Ed..
47. TEIXEIRA, José Raul, **Correnteza de Luz** - FRANCO, Divaldo Pereira, **Diálogo (Com Dirigentes e Trabalhadores Espíritos)** – Rio de Janeiro –RJ Editora Frater, 2ª Ed. 1996.
48. XAVIER, Francisco Cândido. **Instruções Psicofônicas** (vários Espíritos) Rio de Janeiro –RJ, Editora FEB, 1991.
49. PIRES, J Herculano. **Obsessão, o Passe, a Doutrinação** – São Paulo –SP, Editora Paidéia 5ª Ed. 1992.
50. XAVIER, Francisco Cândido – GALASSE, Claudia Pinheiro. **Escola no Além** – São Paulo –SP 1ª Ed.
51. LOUREIRO, Lúcia. **Colônias Espirituais** - Salvador –BA Editora Mnênio Túlio 3ª Ed. 1996.
52. FRANCO, Divaldo Pereira. **Temas da Vida e da Morte** – Rio de Janeiro – RJ Editora FEB, 4ª Ed. 1996.
53. PEREIRA, Ivonne A **Devassando o Invisível**. Rio de Janeiro –RJ Editora FEB, 4ª Ed. 1996
54. XAVIER, Francisco Cândido. **Jesus no Lar** (Espírito de Neio Lúcio) Rio de Janeiro – RJ, Editora FEB, 21 Ed. 1996.

55. XAVIER, Francisco Cândido. **Alma e Coração** – (Espírito Emmanuel) São Paulo–SP Editora Pensamento 1ª Ed.
56. PETRONE, Moacyr. **Manual Para Orientação e Encaminhamento Espiritual** São Paulo -SP Edições FEESP 1ª Ed. 1990.
57. **Curso de Educação Mediúnica** - São Paulo -SP Edições FEESP, 7ª Ed. 1996
58. PIRES, J. Herculano. **Mediunidade - Conceituação da Mediunidade e Análise Geral dos seus Problemas Atuais** São Paulo –SP, Editora Edicel.
59. FRANCO, Divaldo Pereira. **Intercâmbio Mediúnico** (Espírito João Cléofas) Salvador –BA, Editora Alvorada, 4ª Ed., 1985.
60. CARVALHO, Helena M. Craveiro. **Obsessões Graves: Sinais** (Coleção Estudos Espíritas no 2) -
61. PEREIRA, Yvonne A. **Dramas da Obsessão** (Espírito Bezerra de Menezes) Rio de Janeiro –RJ Editora FEB, 8ª Ed.,1994.
62. KARDEC, Allan. **Revista Espírita**, julho-1859. São Paulo – SP Editora Edicel, 1ª Ed. 1964.